

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

KATIANNE ALMEIDA GOMES

**DE QUE FORMA A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA, LINGUAGEM E VERDADE SE
ENTRELAÇAM NO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN?**

São Luís

2011

KATIANNE ALMEIDA GOMES

**DE QUE FORMA A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA, LINGUAGEM E VERDADE SE
ENTRELAÇAM NO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN?**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do
grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador: Prof^o.Ms. Hamilton Duarte

São Luís

2011

Gomes, Katianne Almeida

De que forma a concepção de Filosofia, Linguagem e Verdade se entrelaçam no pensamento de Wittgenstein?/Katianne Almeida Gomes.
_ São Luís, 2011.

60 f.

Impresso por Computador (Fotocópia)
Orientador: Prof. Ms. Hamilton Duarte
Monografia (Graduação)- Universidade Federal do Maranhão, curso de Filosofia,2011.

1. Filosofia- Linguagem I. Título.

CDU: 1 WITTGENSTEIN

KATIANNE ALMEIDA GOMES

**DE QUE FORMA A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA, LINGUAGEM E VERDADE SE
ENTRELAÇAM NO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN?**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do
grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Aprovada em //

BANCA EXAMINADORA

Prof. Hamilton Duarte (Orientador)
Mestre em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão

2º Examinador

3º Examinador

A Deus, fonte de vida e inspiração.

A meus pais, pelo incentivo e dedicação.

Aos Amigos, pelo companheirismo.

Aos Professores e Mestres pelo apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento pelas dádivas recebidas e pelas conquistas que os outros nos ajudaram a galgar. Faz-se necessária agradecer as pessoas que contribuíram para o meu crescimento pessoal, profissional e espiritual. Em especial agradeço: À Deus, por nos ter deixado existir, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais amados Neuton Gomes e Arimilda Almeida, por me apoiarem incondicionalmente e fornecerem todas as oportunidades necessárias, amor e dedicação para que eu chegasse até aqui.

Aos meus sobrinhos adorados Nicole, Wendell e Evellin que foram fonte de inspiração.

A minhas irmãs Deise e Jessica pela força e confiança em todos os momentos.

A meu querido noivo Jardson Garrido por todo tempo de amor e carinho dedicados a tornar minha vida mais feliz.

Aos meus prezados amigos que colaboraram com ajuda incondicional nos momentos mais críticos. Por suas opiniões e conselhos para que este trabalho pudesse ser feito da melhor forma possível. Agradeço aos amigos pessoais: Joseane, Renata, Diego, Rogério, Maju, Iguatemi, Socorro, Geoderlan, Eduarda, Lucio, Rodolfo, Ana Valéria, Marília, Franceilde, Núbia e Maiana.

A turma de Filosofia 2006.2, pelo respeito e carinho que tiveram e tem por mim sempre que me encontram.

Agradeço ao meu orientador, prof. Hamilton Duarte o qual durante todo o curso foi uma motivação e uma grande inspiração intelectual. Sua diligência e esforço constantes em instruir, assim como sua extrema competência, são componentes que originaram este trabalho.

Aos meus professores, em especial à Professora Zilmara de Jesus, Luciano Façanha, Almir Ferreira e Marcio Kléos pelos conhecimentos filosóficos adquiridos ao longo do curso.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste trabalho.

“A Filosofia simplesmente coloca as coisas,
não elucidada nada e não conclui nada. Como
tudo fica em aberto, não há nada a elucidar.
Pois o que está oculto não nos interessa”.

(Ludwig Wittgenstein)

RESUMO

A relação entre Filosofia, linguagem e verdade no pensamento de Wittgenstein pode ser compreendida a partir das suas principais obras, o *Tractatus* e as *Investigações Filosóficas*. No *Tractatus* a linguagem funciona como “espelho” do mundo baseada na teoria figurativa ou pictórica do significado, buscando desvendar o significado da linguagem. A verdade é percebida enquanto correspondência entre a linguagem e o mundo; enquanto que nas *Investigações Filosóficas*, o conceito de “jogo” é introduzido para explicar a linguagem como um conjunto de atividades lingüísticas que abordam o significado enquanto uma função do uso, resultado da prática, buscando investigar seu uso. Percebendo o modo do funcionamento da linguagem Wittgenstein trabalha o caráter prático da linguagem e não mais a uma postura lógica. Existem inúmeras linguagens que se utiliza. É importante notarmos os diferentes usos das palavras que estão relacionados às atividades extralingüísticas inevitavelmente, envolvidas pela linguagem. Descrever os vários usos de uma palavra, especificando o conjunto de regras presentes nos jogos de linguagem. A verdade é entendida enquanto um acordo lingüístico feito por todos que fazem parte do jogo de linguagem. A linguagem aqui mencionada é tomada como utilizável e funcional, a relação que se dava ao nome à coisa não era suficiente na perspectiva de Wittgenstein. Por existir uma variedade de significados na linguagem e várias maneiras de aplicá-la na vida, há de certo modo uma infinidade de “jogos de linguagem,” onde se dá a justificação de cada um dentro do contexto em que o indivíduo utiliza. Então se compreende que não existe uma linguagem ideal, ou única. Essa prática da linguagem se dá em muitos contextos de ação, fazendo parte de diferentes maneiras de vida, existindo tantas linguagens quantas formas de vida. Nas *Investigações* podemos perceber que Wittgenstein aborda os problemas filosóficos enquanto problemas de linguagem e que esses problemas podem ser resolvidos a partir de uma análise de como funciona a linguagem. Há um reconhecimento de que a atividade da Filosofia constitui-se no primeiro momento da descrição dos problemas e em seguida a dissolução dos problemas. Entende-se que o primeiro passo que é descrever, pressupondo um entendimento da linguagem. A linguagem que outrora era concebida como norma fixa, passa nas *Investigações Filosóficas* a ser tratada como um conjunto de normas e regras, mas, porém flexíveis que organizam os “Jogos” que se dão a partir da emissão dos dados sobre o mundo.

Palavras-chave: Filosofia. Linguagem. Verdade. Proposição. Formas de vida.

ABSTRACT

Le rapport entre la philosophie, le langage et la vérité dans la pensée de Wittgenstein peut être compris à partir de ses principales œuvres, *Le Tractatus* et les investigations philosophiques. Dans "*Le Tractatus*" le langage fonctionne comme "miroir" du monde basé dans la théorie figurative ou picturale de la signification, et cherche à dévoiler la signification du langage. La vérité est perçue comme correspondance entre le langage et le monde; tandis que dans les investigations philosophiques, le concept de "jeux" est introduit pour expliquer le langage comme un ensemble de jeux de langage traitant de la signification comprise comme une fonction de l'utilisation, la signification est le résultat de la pratique, on cherche à comprendre de son utilisation. En apercevant la manière de fonctionnement du langage, Wittgenstein travaille le caractère pratique du langage et non plus à une position logique, Il y a plusieurs langages qui sont utilisés. C'est important de noter les différentes utilisations des mots qui sont liées à l'activité extralinguistique inévitablement, impliquées par notre langage. Décrivant les plusieurs utilisations d'un mot, spécifiant l'ensemble des règles présentes dans les jeux de langage. La vérité est comprise comme un accord linguistique fait par tous qui font partie du jeu de langage. Le langage là mentionnée est prise comme utilisable et fonctionnelle, le rapport établi entre nom et chose n'était pas suffisant dans la perspective de Wittgenstein. Pour exister une variété de signification dans le langage et plusieurs manières de les appliquer dans la vie, Il y a, d'une certaine manière, une infinité de "jeux de langage", où s'est donné une justification de chacun dans le contexte le quel l'individu utilise. Donc, on comprend qu'il n'existe pas un langage idéal ou unique. Cette pratique du langage se présente en plusieurs contextes d'action, et fait partie de différentes manières de vivre ayant autant de langages que de formes de vie. Dans les investigations on peut apercevoir que Wittgenstein aborde les problèmes philosophiques comme des problèmes de langage et que ces problèmes de langage peuvent être résolus à partir d'une analyse de la manière comme fonctionne le langage. Il y a une reconnaissance que l'activité de la philosophie se constitue dans un premier moment, de la description des problèmes et puis de la dissolution de ces problèmes. On comprend que le premier pas est faire la description, en présupposant une compréhension du langage. Le langage, qu'autrefois était conçu comme règle fixe, devient, dans les investigations philosophiques à être traité comme un ensemble de normes et règles, mais, pourtant, flexibles qui organisent les "jeux" qui se produisent à partir de l'émission des données sur le monde.

Mot-Clés: Philosophie. Langage. Vérité. Proposition. Formes de vie

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2. A Linguagem enquanto espelhamento do mundo	14
2.1ª Teoria da Figuração: concepção semântica da Linguagem	16
2.2 Teoria da figuração proposicional	22
2.3 A Teoria da Função Verdade	27
2.4 A doutrina do mostra e do dizer	29
3. Filosofia, Linguagem e Verdade	33
3.1 Jogos de Linguagem, forma de vida e Semelhança de família	37
3.2 Vivência e formas de vida	39
3.3 Verdade nas Investigações Filosóficas	39
3.4 A gramática Wittgensteiniana	42
4. A linguagem e o uso de suas regras.	44
4.1 O papel da filosofia	49
4.2 Método Descritivo	51
4.3 Consideração gramatical	55
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	60

De que forma a concepção de Filosofia, Linguagem e Verdade se entrelaçam no pensamento de Wittgenstein?

Introdução

Enquanto a filosofia moderna direciona suas análises na busca de respostas em se tratando das condições de possibilidades de conhecimento confiável, verdadeiro e único. A Filosofia contemporânea toma como pressuposto de suas discussões e preocupação quanto à possibilidade desse conhecimento dizer alguma coisa acerca do mundo.

Dentro desse panorama a linguagem é eleita com objeto das discussões filosóficas. Tornando-se o alvo de todo e qualquer conhecimento, uma vez que não existe mundo que não seja expresso por meio dela. A Filosofia passa a se debruçar sobre a linguagem, toma-a como seu objeto de pesquisa e ao mesmo tempo a Filosofia transformasse em método investigativo da linguagem. Dentro desse panorama a linguagem é eleita a “pedra angular da Filosofia¹”.

No cenário contemporâneo há dois projetos que se configuram no que diz respeito à linguagem; o positivismo lógico e a filosofia lingüística. O primeiro defendia que a Filosofia deveria ser uma reflexão sobre a estrutura e os fundamentos do pensamento científico, sendo este considerado a única forma de se obter um conhecimento verdadeiro.

Já a Filosofia lingüística se preocupa com questões como: a natureza do significado de expressões lingüísticas, de como é possível referência a coisas no mundo por meio da linguagem, de como é possível à comunicação através de proferimentos lingüísticos.

Nas suas obras Wittgenstein demonstrou uma enorme preocupação com a linguagem e os problemas que dela se originam. No primeiro momento, no *Tractatus*, o projeto filosófico em se tratando da linguagem é a busca de uma reflexão sobre a significação ou sentido das expressões. No segundo momento com a sua obra *Investigações Filosóficas*, propõe-se a entender como funciona a linguagem.

Seu objetivo é proceder a uma análise da estrutura, dos limites e das possibilidades da linguagem, trazendo uma perspectiva no campo do pragmatismo, esclarecendo o uso que se faz das palavras. O pano de fundo de toda esta transformação no cenário filosófico contemporâneo é a questão da verdade.

1. Considero a linguagem aqui nesse momento, o elemento essencial da Filosofia. Enquanto fator importante e parâmetro do estudo filosófico. E sendo tratada a linguagem enquanto modelo para a construção do conhecimento.

No ‘Tractatus’ podemos identificar uma concepção de verdade enquanto correspondência. Esta é considerada uma obra que aborda o significado lingüístico, revelando a verdadeira estrutura lógica da linguagem natural e como a proposição pode afigurar o mundo.

Esta tarefa compete à semântica², Wittgenstein se propõe solucionar os problemas relativos à essência da proposição e a natureza das proposições lógicas. Propõe-se a uma reflexão intensa sobre os fundamentos da lógica e da linguagem.

Nas ‘Investigações Filosóficas’ Wittgenstein ‘abandona’ um pouco a tarefa semântica da linguagem e concentra seu trabalho no uso da linguagem em seu contexto sócio-prático, abstendo-se de qualquer preocupação com a estrutura lógica das proposições. Há um envolvimento com a análise da linguagem enquanto ação do sujeito ou pertencente a esta ação no sentido do pragmatismo.

Entender a concepção de verdade no Tractatus é compreender a ontologia, a figuração, a lógica, a Filosofia da ciência. Nas Investigações, é entender as teorias do sentido lingüístico, o que são os jogos de linguagem, as formas de vida, as regras. No Tractatus é utilizada a linguagem com “espelho” do mundo; enquanto que nas Investigações Filosóficas, o conceito de “jogo” é introduzido para explicar a linguagem como um conjunto de jogos de linguagem.

A linguagem no Tractatus restringe-se à descrição dos fatos. Para que a linguagem possa expressar o mundo, é preciso que haja algo comum entre ela e o mundo. O que há de comum entre ambos é a forma lógica. A forma lógica³ é a condição de possibilidade de qualquer figuração do mundo. Não é, porém, possível de ser figurada, apenas mostrada. Neste momento a concepção de linguagem assume uma amplitude maior, haja vista, que mostrar também é linguagem.

A conclusão do Tractatus no aforismo 7(sete), admitindo: “aquilo que pode ser dito por meio de proposições, mediante a linguagem; e aquilo que não pode falar, tem se que ficar em silêncio”. A concepção de uma linguagem descritiva dos fatos é baseada na teoria figurativa ou pictórica do significado, enquanto que nas Investigações Filosóficas é abordado o significado enquanto uma função do uso. O pressuposto do significado é resultado da prática.

2. HINTIKKA, Jaakko. Uma investigação sobre Wittgenstein/Jaakko Hintikka, Merrill Hintikka: Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papyrus, 1994, (papyrus Filosofia). pp.22-53.

3. HINTIKKA, Jaakko.; HINTIKKA, Merrill., 1994, p.161.

Não se procura mais nesse momento entender a linguagem para desvendar seu significado, mas ao contrário, busca-se investigar seu uso, negando-se uma função primordial e única da linguagem. É uma tentativa de perceber o modo de funcionamento da imagem, adotando um caráter prático em relação à linguagem e não mais a uma postura lógica como relata no *Tractatus*. Não há uma definição da linguagem, mas inúmeras linguagens que se utiliza.

É importante notarmos que Wittgenstein sugere que não pensemos, mas sim olhemos para tudo que está ao nosso redor, pois quando olhamos sem pensar somos capazes de perceber as várias explicações que fazemos das palavras, diferentes usos das palavras que estão relacionados às atividades extralingüísticas inevitavelmente, envolvidas pela linguagem.

Nas Investigações a linguagem só poderá ser interpretada nos seus jogos específicos, em sociedades particulares, jogos estes, que são fundamentados por regras, e que estão inseridos em formas de vida específicas.

O objetivo é analisar o funcionamento da linguagem, a descrição dos vários usos de uma palavra, nesses casos, explicitar o conjunto de regras presentes nos jogos de linguagem. A idéia de que cada “jogo de linguagem” é regido por uma quantidade de regras, e estas não garantem nenhuma explicação, nenhuma verdade totalizante, pois se trata de regras particulares.

A linguagem aqui mencionada é tomada como utilizável e funcional, a relação que se dava ao nome e objeto não é mais suficiente na perspectiva de Wittgenstein, por existir uma variedade de significados na linguagem e várias maneiras de aplicá-la na vida, há de certo modo uma infinidade de “jogos de linguagem,” onde se dá a justificação de cada um dentro do contexto em que o individuo utiliza.

As palavras não são mais nomes isolados, mas são agora consideradas ações humanas na qual a linguagem torna-se um modo de ação, este é o caráter funcional da linguagem. Busca-se compreender os fatos conhecidos e, perceber os casos que representam os problemas a partir dos casos não- problemáticos.

Relatando a existência de numerosos jogos de linguagem e devido a essa variedade é impossível conceber uma linguagem única a partir de uma única estrutura lógica formal. Então se compreende que não existe uma linguagem ideal, ou única. Essa prática da linguagem se dá em muitos contextos de ação, fazendo parte de diferentes maneiras de vida, existindo tantas linguagens quantas formas de vida.

Para Wittgenstein, os problemas filosóficos são de certa maneira decorrentes dos problemas de linguagem. Mas, o Filósofo aponta que esses problemas podem ser resolvidos a

partir de uma análise de como funciona a linguagem. O esclarecimento da confusão conceitual pode se dá na análise semântica proposta pelo ‘conceito’ de linguagem do Tractatus ou na forma pragmática proposta nos Jogos de Linguagem? Esta é uma das questões cruciais a serem desenvolvidas neste trabalho.

Há um reconhecimento de que a atividade da Filosofia nas Investigações Filosóficas que se constitui no primeiro momento da descrição dos problemas e em seguida da dissolução dos problemas. Entende-se que o primeiro passo que é descrever, isto já se pressupõe um entendimento da linguagem, diferente do que foi exposto no Tractatus.

A linguagem Tractarianiana que era concebida como um conjunto de normas fixas passa agora nas Investigações Filosóficas a ser tratada com um conjunto de normas e regras flexíveis que organizam os “Jogos”, que se dão a partir da emissão dos dados sobre o mundo. Sendo assim, neste trabalho realizaremos uma análise do conceito de verdade a partir da análise que Wittgenstein faz da linguagem e de sua concepção do Método de investigação filosófica.

2. A Linguagem enquanto espelhamento do mundo

No Tractatus, a concepção de linguagem encontra se presa a uma única estrutura lógica da realidade⁴. Linguagem e realidade teriam, portanto, um fator comum: sua estrutura lógica, possuidora de uma norma fixa. O Tractatus apresenta uma teoria realista do significado: a relação de representação consiste numa relação direta com as palavras, (linguagem) e objetos (mundo). A partir daí se tenta provar que o mundo dos fatos é a própria linguagem.

Na visão do Filósofo o “mundo é a totalidade dos fatos” (Aforismo 1. 1). A estrutura do mundo é a estrutura da linguagem. Daí a metáfora do espelho. A linguagem espelha o mundo, o mundo espelha a linguagem. Há uma coincidência entre linguagem e realidade, baseada num sistema lógico comum. É exposta uma investigação do que pode ser dito de forma clara e objetiva, o que pode ser exposto sem erros pela linguagem.

4. A realidade total é o mundo. WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951. Tractatus Logico-Philosophicus. / Ludwig Wittgenstein. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [Introdução de Bertrand Russell]. 2ª edição revista e ampliada. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Aforismo 2.063). TRACTATUS. p.143.

Todo esse percurso só seria possível mediante a um estudo preciso da Lógica da linguagem, tendo como pretensão a solução dos problemas filosóficos que surgem quando aquilo que não pode ser dito é dito. Interroga-se nesse momento sobre “que é a linguagem, qual a sua essência, função, estrutura e principalmente pelas condições de possibilidade da linguagem, em síntese, pela proposição”⁵.

Os aspectos da proposição basear-se à em duas teorias: a teoria da figuração ou pictórica e a teoria da função da verdade. Nas quais ambas procuram solucionar as questões sobre a função da linguagem e qual a estrutura lógica da linguagem. É interessante pontuar que a proposição assume um caráter de valor no Tractatus onde a “tarefa principal consiste em figurar a realidade tal qual ela seja.” (Aforismo 4.01.).

A proposição é detentora de sentido, não possuindo denotação. “Somente a proposição possui sentido; é somente no contexto da proposição que o nome tem significado. (Aforismo 3.3). A contribuição de Wittgenstein consiste em propor que a solução do problema da linguagem está na proposição, sobre aquilo que se pode dizer de forma clara.

A proposição não é um nome, ela é uma concatenação de nomes e, diferentemente do nome, que possui uma referência, ela possui sentido; o nome tem significado, mas nenhum sentido; e nenhuma proposição pode dizer alguma coisa dela mesma, tudo o que mostra é sua forma lógica numa notação adequada. (SIMÕES, 2008, p.89).

Em outras palavras a proposição seria um modelo da realidade como se pensa. “A proposição é uma figuração da realidade. A proposição é o modelo da realidade tal como pensamos que seja”. (Aforismo. 4.01). A linguagem estaria vinculada ao mundo mediante as proposições elementares.

Se o individuo pensa e fala sobre o mundo, este o faz a partir de um mecanismo comum tanto à linguagem quanto ao mundo, que seria o eixo principal dessa possibilidade de linguagem de representar o mundo, que é a Lógica. A lógica no Tractatus é compreendida como elemento mediador e condição transcendental de possibilidade da relação linguagem-mundo, sendo portadora de uma significação universal, considerada como elo tanto à linguagem quanto à realidade.

5. Para que a proposição seja figuração não basta os seus elementos, os nomes, mas ela deve apresentar também uma certa estrutura, ou forma. SPANIOL, Werner. *Filosofia e Método segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento/* Werner Spaniol. São Paulo: Loyola, 1989. (Coleção Filosofia; 11).p.39

A lógica estaria primordialmente interessada no sistema pelo qual se constrói símbolos a partir de símbolos básicos. Muito mais que uma ferramenta de conhecimento, a lógica é uma figuração especular do mundo, tornando-se transcendental e fundamento último da realidade. “A lógica não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo. A lógica é transcendental (aforismo 6.13)”.

A lógica torna-se a investigadora da natureza e dos limites do pensamento, sendo que a representação simbólica e linguística da realidade ocorrem no pensamento, oferecendo as regras de representação. A lógica é suporte formal do pensamento, do mundo e da linguagem.

2.1 A Teoria da Figuração: concepção semântica da Linguagem.

O sujeito está de certo modo encravado na cultura, e este mesmo sujeito está agarrado às finalidades humanas, estruturadas por certo relacionamento identificado pela linguagem. Wittgenstein tinha uma visão clara e radical de como a linguagem e o mundo estão mutuamente interligados.

O eixo central do *Tractatus* é a teoria do que pode ser dito pelas proposições, isto é, pela linguagem (e, que equivale ao mesmo, o que pode ser pensado), e o que não pode ser dito por proposições, mas apenas mostrado.

O objetivo do filósofo nesta obra era traçar um limite para o pensamento, para expressão do pensar, e este limite só seria possível caso fosse traçado no interior da prática da linguagem. A questão principal é o que pode ser dito pelas proposições, isto é, pela linguagem e o mesmo serve para o que pode ser pensado.

A teoria *Tractatiana* da linguagem é colocada em termo de uma figuração ou imagem do mundo. Primeiro Wittgenstein expõe sua concepção de mundo, diz o que é o mundo⁶, para depois dizer como a linguagem representa esse mundo. A questão pertinente constitui-se em investigar o que pode ser dito claramente, o que pode ser expresso sem erros pela linguagem. Todo o problema filosófico decorre a partir da falta de compreensão da lógica da linguagem.

6. O mundo é tudo que é o caso. O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. O mundo é determinado pelos fatos, não das coisas. O mundo é determinado pelos fatos, e por serem todos os fatos. Os fatos no espaço lógico são o mundo. O mundo resolve-se em fatos. TRACTATUS. p.135.

Seria, portanto através do conhecimento da lógica da linguagem que poderia se saber o que pode ser e o que não pode ser dito. A partir desse ponto os problemas lingüísticos, entendidos enquanto ‘problemas filosóficos’, seriam dissolvidos. Ocorre que no momento este simples dizer torna-se um problema filosófico, aquilo que é mencionado, mas não deveria ter sido dito ou como coloca Wittgenstein, torna-se um falso problema.

O Tractatus apresenta uma visão de verdade enquanto correspondência. Wittgenstein dissolve a Filosofia enquanto teoria e a concebe enquanto prática. São abordadas questões de identidade entre dois mundos e a presença de elementos fundamentais do atomismo lógico⁷ que são nomes, objetos, fatos, estados de coisa, pensamento, proposição, mundo. O atomismo lógico de Wittgenstein intenciona estabelecer as bases lógicas para que qualquer linguagem descreva de modo significativo. As leis da lógica são necessárias e a priori, não devendo haver erros em lógica.

É preciso entendimento desses termos e as suas aplicações para compreensão daquilo que o autor se propõe a tratar, talvez seja este o ponto que diferencie Wittgenstein de outros filósofos que se dispuseram a tratar dos mesmos assuntos que o filósofo Austríaco ressalta em suas obras filosóficas.

Para compreender a teoria da figuração é preciso ter em mente os elementos fundamentais do atomismo lógico. Os nomes na proposição representam os objetos (simples), a proposição é um encadeamento de nomes, somente o nome representa uma estrutura, a sua forma, a proposição se torna figuração de um fato.

A primeira característica importante dos objetos⁸ é que: um objeto é por essência um constituinte dos estados de coisas⁹.

7. O atomismo lógico de Wittgenstein tem influencias dos físicos Ludwig Boltzmann e Heinrich Hertz (aproximação entre o conceito de objetos no Tractatus e o conceito de partícula em Hertz). Os nomes seriam os elementos simples ou signos que preenchem as proposições elementares. Esses são signos primitivos, são os átomos lógicos, que são as condições transcendentais de possibilidade da proposição elementar, caracterizando, assim o atomismo lógico-transcendental tractatiano. CONDÉ. p. 53.

8. Wittgenstein define o objeto com simples, por isto não podem ser compostos constituindo a substância do mundo. Também considerado como condição transcendental de possibilidade do estado de coisas. Fundamento que fornece as condições para se estruturar a realidade, isto é, os objetos no Tractatus são de certa forma o fundamento ontológico, ou seja, os elementos mínimos que compõem a estrutura do mundo. O objeto é a denotação do nome. Havendo objetos, há também uma forma fixa do mundo. Fixo, o subsistente e o objeto são um só.

9. O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas) (Aforismo 2.01). TRACTATUS. p.135.

A segunda característica importante dos objetos é: são simples e por isto possuem a dimensão de configuração, de como os objetos se associam para formar estados de coisas e possuem também a dimensão da existência ou não existência do estado de coisas.

O uso que Wittgenstein faz dos termos “objetos simples” serve na verdade para designar as coisas como constituintes últimos da realidade, são eles a “substância do mundo”¹⁰ são imutáveis e indestrutíveis visto que toda mudança é combinação ou separação deles.

Possuem propriedades internas por suas possibilidades combinatórias com outros objetos e externas pelo fato de estarem combinados com outros objetos, eles são os sucedâneos dos nomes enquanto constituintes de proposições completamente analisadas.

Ocorre que o estado de coisas é a combinação desses mesmos objetos. A sua ocorrência num estado de coisas determinado pode ser acidental, mas a possibilidade da sua ocorrência num estado de coisas é lhe essencial.

Não há uma definição precisa do que seja o objeto, o que se tem são as suas características. Entende-se que os objetos são simples (aforismo 2.02) e por serem simples que constituem a substância do mundo. Essa é a questão principal do atomismo lógico de Wittgenstein, e que é preciso haver objetos para que a representação seja possível. É preciso que haja signos que se relacionem com os objetos.

Não por meio de definições, (descrições), mas sim diretamente pela nomeação de tais objetos. “O nome não pode mais se desconectar por meio de uma definição: é um sinal primitivo. (aforismo 3.26). Existem duas razões que impedem que os objetos constituam o mundo. A primeira razão é porque os objetos são imutáveis, a mudança é sempre de configuração e não dos próprios objetos, ou eles se agrupam ou se reagrupam, esta vem ser a condição para ser um objeto. Cito Simões:

O mundo não é, pois uma coisa nem um amontoado de coisas, haja vista que do mesmo amontoado de coisas podem ser construídos os mais diversos mundos. E o nosso mundo real é apenas um ponto no espaço lógico onde são pensáveis outros pontos, isto é, outros mundos possíveis. (2008.p.60)

10. A substância do mundo é o subsiste independente do que seja o caso. (aforismo 2.024). Tractatus, p.141. Ela só pode determinar uma forma, e não propriedades matéricas. Pois estas são representadas pelas proposições, constituídas apenas pela configuração dos objetos. (aforismo2. 0231). Tractatus,p.139.

Os fatos fazem parte desse “espaço lógico¹¹” que formam o mundo real, mas esses fatos podem estar em outros mundos, é possível pensar em outras configurações de objetos. A segunda razão que impossibilita o objeto de constituir o mundo é que é comum a todos os mundos possíveis, o que se pode pensar é criar arranjos destes elementos simples, há uma variação do modelo e não do elemento em si.

A constituição do mundo ou de qualquer outro mundo se dá pela combinação desses objetos, que formam o fato. Essa constituição se dá pela relação dos objetos uns com os outros. O objeto Tractatiano é a denotação do nome constituindo o estado de coisas (o objeto é o átomo lógico- transcendental).

A estrutura da realidade é fornecida pelo objeto oferecendo as condições de elementos que compõem a estrutura do mundo. A realidade só é possível mediante os objetos que são simples, sendo eles a substância do mundo.

A essência deste objeto não se constitui de propriedades externas (acidentais) como formas e cores, mas sim de propriedades internas (essências). Podendo esse objeto determinar uma forma, mas nenhuma propriedade material. A partir desse ponto não se pode considerar os objetos tractatianos como objetos empíricos; como se os objetos fossem constituídos apenas de propriedades externas.

É a substância do mundo, são imutáveis e indestrutíveis, visto que toda mudança é combinação e separação deles. Possuem propriedades internas (possibilidades combinatórias com outros objetos) e externas (pelo fato de estarem combinados com outros objetos). Ocorrem em estados de coisas e um estado de coisas é a combinação desses mesmos objetos. “a sua ocorrência num estado de coisas determinado pode ser acidental, mas a possibilidade da sua ocorrência num estado de coisas é lhe essencial” (SIMÕES, 2008, p.54).

Por serem simples os objetos é que constituem a substância do mundo. Esse é o ponto central do atomismo lógico de Wittgenstein, salientar que é preciso haver objetos para que a representação seja possível. “È preciso que haja signos que se relacione com os objetos, não por meio de definições (descrições), mas sim diretamente pela nomeação de tais objetos” (SIMÕES, 2008, p55).

11.É o espaço dos estados de coisa subsistentes e dos estados de coisas possíveis, a realidade constitui-se nesse espaço lógico. SIMÕES, Eduardo. Wittgenstein e o problema da verdade/ Eduardo Simões. _Belo Horizonte, MG. Argmentvm, 2008. pp.67-73/Tractatus.(aforismo 3.42).p.163.

Sem objetos simples não se teria os nomes (signos) e sem nomes a linguagem seria limitada apenas a descrições. Embora os objetos sejam a substância do mundo no *Tractatus* o mundo não é a totalidade de objetos, mas sim dos fatos, sendo o fato uma combinação de objetos.

A proposição é verdadeira quando o estado de coisas que ela representa ocorre na realidade. Ao representar um estado de coisas possíveis a proposição será verdadeira caso esse estado de coisas exista na realidade. Os fatos são diferentes dos objetos, pois os fatos integram os objetos como seus elementos constituintes, mas não é propriamente o conjunto desses objetos, os objetos são os fatos na sua configuração.

O mundo é a totalidade de fatos. Os fatos é um estado de coisas que existe. A realidade seria a substância e a não- substância dos estados de coisas. A totalidade dos estados de coisa é o mundo. Wittgenstein afirma que a realidade inteira é o mundo. Se o mundo é a totalidade dos estados dos fatos no espaço lógico (isto é, o espaço dos estados de coisas subsistentes e dos estados de coisas possíveis) a realidade constitui- se nesse espaço lógico em que a totalidade dos fatos é o mundo. (aforismos: 2.05, 1.12, 2.04, 2.06, 2.063, 1.1).

O que seria o mundo, o fato¹² e pensamento no *Tractatus*? O mundo é tudo que é o caso; o mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas (aforismo 1. 1.) Diante disto os fatos integram as coisas como seus elementos constituintes, mas são propriamente o conjunto dessas coisas, eles são estas coisas mas na sua configuração. Não se devem caracterizar o mundo como um amontoado de coisas e também não é uma totalidade de objetos. Isto não é possível porque o objeto, por si só nada determina acerca do mundo.

Wittgenstein propõe estabelecer no *Tractatus*, o que toda a proposição por sua natureza têm em comum, sua forma lógica¹³. A forma lógica de toda e qualquer proposição compete à lógica estabelecer propiciando a caracterização geral. Por ser à base de toda a linguagem ser a única a estabelecerem contato direto com a realidade, as proposições elementares, possuem um grande valor. As proposições elementares são resultados da análise de qualquer proposição.

12. Combinação de objetos. O mundo se divide em fatos. WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951. *Tractatus Logico- Philosophicus*. (Aforismos 1.1 e 1.2). p.135.

13. CONDÉ.M.1998.p.67(aforismo 2.18 e 2.18) O que toda figuração, qualquer que seja sua forma deve ter em comum com a realidade para poder de algum modo correta ou falsamente afigurá-la é a forma lógica, isto é, a forma da realidade. Se a forma de afiguração é a forma lógica, a figuração chama-se figuração lógica.

Só que isto não acontece em se tratando da forma lógica das proposições elementares¹⁴. A priori o que se pode obter é apenas um contato geral das proposições elementares. A de que assegurem acerca da existência de um estado de coisas (Aforismo 4.21.). “proposição mais simples, a proposição elementar, asseve a existência de um estado de coisas”. Possuem característica como a bipolaridade e são logicamente independente (Aforismo. 4.211). No entanto a composição delas não é possível especificar.

Devemos agora responder a priori à questão de quais sejam todas as formas possíveis de proposições elementares. A proposição elementar consiste em nomes. Como não podemos, porém, especificar o número dos nomes com significados diferentes, tampouco podemos especificar a composição da proposição elementar. (Aforismo 5.55).

Só seria possível especificar as composições das proposições elementares, caso fosse possível especificar os significados dos nomes que a integram. A priori não é possível especificar estes significados resultando na não- possibilidade de especificar as composições das proposições elementares. Todo este processo seria possível caso fosse antecipado os diferentes significados no interior do espaço lógico.

No entanto a lógica mostra apenas a priori a estrutura geral do espaço lógico e não as formas particulares dos seus componentes que são os sentidos das proposições elementares. A existência das proposições elementares depende do emprego da lógica através da análise das proposições empíricas.

No tocante a aplicação da lógica, esta teria como tarefa deliberar sobre a existência das proposições elementares, só o que vem com a aplicação, a lógica não pode adiantar, mantendo sempre um contato com a sua aplicação a lógica deve ter.

O conceito de substância do mundo encontra-se relacionado com o conceito de objeto simples apresentado no Tractatus. A substância do mundo é compreendida como condição de possibilidade do sentido e da figuração. A substância do mundo constitui-se de objetos simples, mas o que a define é a totalidade desses objetos. Isso significa que a substância do mundo não é simples; simples são os objetos.

14. As proposições elementares resultam da concatenação imediata de nomes simples. Constituem o fundamento de toda linguagem e em serem as únicas a manter contato direto coma realidade. Como não podemos, especificar o número dos nomes com significados diferentes, tampouco a composição das proposições elementares não podem ser especificadas (Aforismo 4.221e 5.134). pp.189-207.

Nega-se a possibilidade da linguagem alcançar à metafísica evidenciando a partir daí um limite para a linguagem humana. Os limites do pensamento estão em função dos limites da linguagem. No aforismo (5.6) está expresso “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”.

Para que o sentido do mundo reside no que está por detrás da linguagem. A função primordial é representar o mais fielmente (real) o mundo. Wittgenstein procura estabelecer os esquemas formais das estruturas lógicas e dos cálculos que garantam essas correspondências através de uma linguagem corretamente e logicamente perfeita.

O Tractatus procura a condição de adequação da relação linguagem – mundo, dessa forma, se o estado de coisas descrito por uma proposição existe encontrar-se à satisfação à condição de verdade dessa proposição. O que se pode evidenciar nesta obra do Tractatus é o papel que a natureza da proposição irar assumir.

Para o filósofo a proposição enquanto unidade de combinação semiótica possui sentido (sinn) e não o nome isolado. Os nomes e palavras possuem tão somente denotação (Bedeutung). Não é aceitável que um nome tenha sentido, mas tão somente denotação.

Apenas a proposição é dotada de sentido (sinn) ela não possui denotação (Bedeutung) como o nome. “só a proposição tem sentido”. E só no contexto da proposição que um nome tem significado “no sentido de referência (Aforismo. 3.3). Essas teorias procuram responder qual a função da linguagem e qual a sua estrutura. A teoria Tractariana da linguagem basear-se á dois aspectos da proposição, são elas: a teoria da figuração ou teoria pictórica e teoria da função de verdade.

2.2 Teoria da figuração proposicional.

A base dessa teoria da figuração proposicional está no fato da linguagem encontrar-se diretamente vinculada ao mundo através das proposições elementares. Quando se pensa e fala sobre o mundo faz-se devido a um fator comum entre a linguagem e o mundo. Esse fator que seria comum tanto a linguagem quanto ao mundo seria a lógica a condição necessária da linguagem de representar o mundo.

Porque, a forma lógica investiga a natureza e os limites do pensamento, pois é no pensamento que se representa a realidade. Ela o faz traçando limites a “expressão lingüística do pensamento”. A lógica fornece normas de representação regras para a transformação de símbolos. Ela possui a função de ser a suporte formal da linguagem, do pensamento e do mundo.

A forma lógica da proposição e sua estrutura têm como objetivos, revelar os aspectos relevantes para a realidade dos argumentos em que ocorre. A forma lógica ganhou um espaço na teoria da figuração no *Tractatus* e há também uma relação da forma lógica com o problema da verdade.

A afirmação que está expressa no *Tractatus* é que tudo que acontece no mundo pode ser expresso pela linguagem devido à existência da forma lógica em comum entre a realidade e a linguagem (ou entre os estados de coisas e a representação. “O que toda figuração, qualquer que seja sua forma, deve ter em comum com a realidade para poder de algum modo-correta ou falsamente- afigurá-la é a forma lógica, isto é, a forma da realidade”. (Aforismo 2.18).

É isto que possibilita a existência de uma relação de representação entre a linguagem e o mundo que é a essência da linguagem. A forma lógica produz as proposições que por sua vez representam fatos do mundo e a condição para que possam fazer e possuírem a mesma forma dos fatos que retratam, isto é, que a forma lógica seja a forma da realidade.

A compreensão do mundo ocorre através da linguagem, mediante a estrutura lógica da linguagem, que possibilita compreender a estrutura lógica do mundo, e por fim, a lógica através da forma lógica constitui-se no elo que une linguagem e mundo.

Essa interligação permite que a forma lógica assegure o simbolismo perfeito capaz de representar o mundo com absoluto rigor, e tudo isso é possível graças a existência de elementos simples e indestrutíveis. No mundo os objetos; na linguagem os nomes. Sendo os representantes dos objetos no cerne da linguagem. Uma combinação de nomes resulta numa proposição elementar, e uma combinação de proposições elementares da origem a proposições complexas¹⁵ (ou moleculares).

Uma proposição elementar representa uma determinada concatenação de objetos ou estado de coisas, enquanto as proposições complexas representam fatos. Já os conectivos lógicos unem as proposições elementares numa proposição complexa.

E a estrutura lógica das proposições é uma imagem das combinações de estados de coisas possíveis na realidade. Quando Wittgenstein trata de forma lógica ou forma da realidade na verdade, ele se refere a conceitos idênticos, que constitui a lógica. A forma lógica é o meio comum entre proposição e mundo que possibilita a verdade e a falsidade de uma proposição estabelece a isomorfia entre as duas dimensões (linguagem e mundo).

15. Os nomes concatenados formam proposições atômicas que, por sua vez, formam proposições complexas. SIMÕES, Eduardo. 2008.p.55.

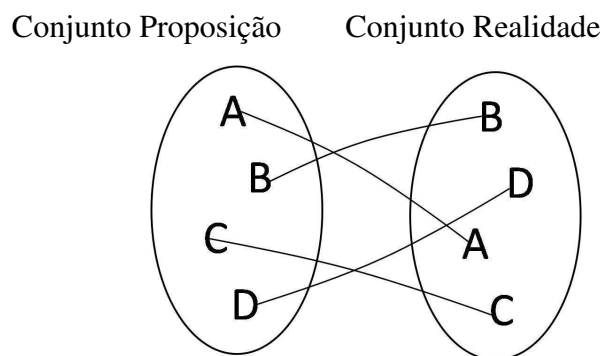
A tarefa da forma lógica é possibilitar pela identidade formal entre a linguagem e o mundo que haja uma representação ou correspondência ou correspondência ou como pensa Wittgenstein uma figuração entre linguagem e mundo.

A condição para que isto ocorra é que haja uma identidade entre a forma lógica da proposição e a forma lógica da realidade (mundo). A identidade da representação e do representado. Sobre a forma lógica nada se pode falar com proposições bipolares¹⁶ dotadas de sentido, mas ela se mostra em sua estrutura.

E o que se mostra é exatamente o que não pode ser descrito. O que é possível apresentar claramente o que é dizível, o que fica fora desse âmbito, é o que se deve mostrar.

Dentro da figuração proposicional estaria a função principal da linguagem, que é descrever e representar o mundo como uma tela de quadro. A linguagem seria o reflexo do mundo. “A proposição é figuração da realidade. Uma proposição é um modelo da realidade tal qual a pensamos. Uma figuração da realidade”. (Aforismo 4.01).

Se a proposição é o modelo da realidade essa proposição deverá conter os mesmos elementos presentes na realidade figurada por ela. Esses elementos que fazem parte de uma proposição deverão se relacionar com os elementos que constitui a realidade figurada, uma correspondência de cada conjunto da realidade com o conjunto da proposição.



Há uma correlação entre os elementos do domínio da realidade (mundo) e o domínio da linguagem para cada elemento presente na realidade existe um na proposição.

16. Toda proposição com sentido é bipolar é logicamente independentes, essencialmente complexa e uma figuração da realidade. O princípio da bipolaridade é essencial e condição necessária e suficiente para determinar a forma geral de toda e qualquer proposição, ele não é suficiente para determinar a composição específica, particular e especial de nenhum sentido proposicional. FAUSTINO, S. A experiência indizível: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein. São Paulo: Editora UNESP, 2006. pp.15-17.

Esta relação recebe o nome de isomorfismo¹⁷, onde a forma lógica da proposição tem que ter a mesma estrutura com o que ela esta representando, uma simetria. Seriam os nomes desses elementos como coloca Wittgenstein de signos primitivos. “O nome não pode mais ser desmembrado por meio de uma definição; é um sinal primitivo” (aforismo. 3.26).

Esses nomes ou signos representam os objetos que são os elementos simples da realidade. Os objetos são dessa forma, condições transcendentais de possibilidade dos estados de coisas. (Atomismo Lógico-transcendental do Tractatus).

O objeto constitui a denotação de um nome como outrora foi mencionado. Um nome não possui sentido, mas apenas denotação. O conjunto de objetos simples é idêntico com o fixo, o existente. Já as configurações de objetos constituem o mutável, o instável. “O fixo, o subsistente e o objeto são um só”. (Aforismo 2.027).

Os objetos possuem necessariamente a possibilidade de combinação mútua. (Aforismos 1.13; 2.013). “Os fatos no espaço lógico são o mundo”. “Cada coisa está como que num espaço de possíveis estados de coisas. Esse espaço pode ser concebido vazio, mas não a coisa sem o espaço”. Essa combinação ou configuração de objetos constitui um estado de coisas. Os objetos são dessa forma, condições transcendentais de possibilidade dos estados de coisas.

Esses estados de coisas mais simples que são formados pelas combinações de objetos são representados pelas proposições elementares. Na proposição elementar os nomes que representam os objetos se combinam para formarem a proposição que por sua vez, representa o estado de coisas.

Da mesma forma que as proposições representam estados de coisas, há uma relação interna dos estados de coisas, em outras palavras, a estrutura interna da proposição relaciona-se com a estrutura interna dos estados de coisa.

Esta é a característica essencial da ‘teoria da figuração proposicional’, esta similaridade estrutural entre a proposição e o estado de coisas. Esta é relação simétrica entre o estado de coisas e a proposição.

Sendo assim, a forma lógica, ou forma de afiguração, ou ainda forma da realidade, assume como característica a possibilidade dos elementos da figuração relacionar-se na figura, assim acontece com as coisas que se relacionam umas com as outras no fato.

17. Relação simétrica entre o estado de coisa e a proposição. SIMÕES, Eduardo. Wittgenstein e o Problema da Verdade/ Eduardo Simões. __Belo Horizonte, MG: Argvmentvm,2008.pp.75-83

Seria mediante a uma forma lógica em comum com a realidade, uma figura pode representar essa realidade. Essa relação interna não pode ser enunciada formalmente embora possa ser mostrada.

Essa proposição que representa um estado de coisas subsistente pode ser conferida caso ela participe com a realidade, sendo ela verdadeira. O fato seria esse estado de coisas de subsistência, seria esse estado de coisas existente, real e não meramente possível quando a proposição for participante com a realidade poderá ser ela verdadeira ou falsa.

A partir daí nenhuma proposição pode ser verdadeira a priori, mas, somente a posteriori identificando se esta proposição é verdadeira ou falsa, verificando o fato (estado de coisas), representado pela proposição. Se este estado de coisas (fato) representado existe, é verdadeira, não sendo, mesmo tendo sentido é falsa. Uma proposição sendo dotada de sentido ela será considerada genuína¹⁸, sendo verdadeira ou falsa. Ao afigurar o fato essas proposições são de cunho genuínas.

Algumas não podem ser genuínas por serem casos limites, vazias de sentidos, não figuram a realidade mesmo não infringindo às regras da síntese lógica. São elas: as tautologias e as contradições¹⁹. Já aquelas proposições que não obedecem aos princípios da síntese lógica são as que não possuem sentido, são as pseudoproposições²⁰ não sendo elas verdadeiras e nem falsas.

Não se deve considerar a proposição como um quadro no sentido pleno da palavra. Por mais que haja essa correlação entre os elementos que o representam e os representados (linguagem e mundo) não há necessariamente, uma exigência de semelhança de imagens entre os elementos, mas sim formas similares e estruturas semelhantes. O conceito de figuração possui um sentido abstrato.

Nem sempre o “quadro” que representa a realidade, mostra a imagem ou forma pictórica da realidade figurada, mas sim a forma lógica da realidade, mesmo não se semelhandando ao que representa o que ocorre é uma semelhança formal na forma lógica, do representado com o representante. “O que há em comum com a figuração e o afigurado é a forma lógica da afiguração” (Aforismo. 2.2).

18.São proposições que figuram a realidade, possuem sentido. CONDÉ. M.1998. p.59.

19.Não são consideradas proposições genuínas, pois não possuem sentido. WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951.Tractatus Logico- Philosophicus (Aforismos 4.461 e 4.462).pp.197 e 199.

20.São proposições que violam as regras da sintaxe lógica, são absurdos, não são nem verdadeiras e nem falsas. CONDÉ. M.1998. p.55.

A forma lógica da afiguração é o ponto em comum com a figuração e o afigurado. O ideal é que a estrutura lógica do representante se identifique com a do representado, mesmo os elementos de ambos não se assemelhando.

A proposição não pode representar a forma lógica esta forma se espelha na proposição. O que se exprime na linguagem, esta não pode representar. O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe. (Aforismo 4.121).

Os elementos da figuração estão arranjados de determinada maneira e esse arranjo chama-se estrutura. “a figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de uma determinada maneira”. (Aforismo 2.14). Mas o que a figuração deve ter em comum com a realidade (identidade) para poder assegurá-la a sua maneira correta ou falsamente – é a sua forma de afiguração ou a forma lógica e a possibilidade de estrutura. “que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras.

A correspondência entre pensamento (linguagem) e o mundo é de natureza lógica e não empírica a figuração consiste na relação pela qual a figura se impõe ao fato; é aquilo que faz com que o fato seja figurado. “Segundo essa concepção, portanto, à figuração pertence também a relação afiguradora, que a faz figuração”. (2.1513).

A verdade neste caso nada mais é que a identidade formal entre fatos e pensamentos o papel lógico neste contexto e de apresentar o paralelismo das ordens a priori do mundo e do pensamento o ordem das proposições significantes; no caso do mundo a ordem dos estados de coisas.

2.3 A teoria da Função de valores de verdade²¹

Existe uma relação profunda entre a teoria da função de valores de verdade e a teoria da figuração, associadas à doutrina do mostrar e do dizer, estas constituem os ‘pilares’ do Tractatus.

21.Na exposição das proposições elementares, a teoria da função de valores de verdade consiste na concepção tractatiana de que todas as proposições não-elementares são funções de verdade das proposições elementares, sendo a proposição elementar uma função de si mesma.WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951.Tractatus Logico-Philosophicus (Aforismo 5).p.203.

A questão central da teoria dos valores da verdade é conceber as proposições não-elementar como função de verdade das proposições elementares. O valor de verdade de uma proposição não- elementar é decidido mediante seus elementos.

Para sabermos se proposições elementares são verdadeiras ou falsas, é mediante o comprovar com os fatos que elas estão representando. O valor de verdade da proposição não-elementar consiste em aferir cada proposição elementar em particular.

É através das funções de verdade que as proposições não – elementares relacionam-se com as proposições elementares. A função de valores de verdade das proposições elementares seria o valor de verdade de uma proposição complexa.

Ao ilustrar a relação que há entre a verdade e a falsidade de uma proposição qualquer que esteja ligada a uma proposição elementar, Wittgenstein desenvolveu a tabela de valores de verdade que mostra as condições de verdade de uma proposição que não deixa de ser a função de valor de verdade de outras proposições. Essas condições de verdade dessas relações de proposições encontram dois casos, a saber:

1- Tautologia- quando é verdadeira para todas as possibilidades verdade das proposições elementares.

2- Contradição- quando é falsa para todas as possibilidades de verdade. Por não terem a condição de figurarem a realidade as proposições tautológicas e contraditórias não são genuínas. “Tautologia e contradição não são figurações da realidade, não representam nenhuma situação possível, pois aquela admite toda situação possível, esta não admite nenhuma”. (Aforismos. 4.462).

Proposições da lógica, verdades lógica, ou ainda os princípios da lógica são tautologias, não expressam pensamentos. Elas asseguram tudo, isto é, a estrutura lógica da linguagem, embora não expressam pensamentos, as proposições da lógica, (as tautologias) exibem as particularidades (lógicas) formais da linguagem e do mundo e, portanto não dizem nada. (Aforismo. 6.12).

Embora sejam diferentes uma das outras as tautologias e as contradições encontram-se dentro do quadro das possibilidades lógicas das proposições. Como exemplo: Ao afirmar a conjunção da proposição “p” uma tautologia simplesmente teremos “p” isto é “ $p \leftrightarrow p$ ”.

Conclui- se que nada diz uma tautologia. Uma proposição acompanhada de uma tautologia sempre será ela mesma. Assim, a tautologia serve apenas para esboçar a estrutura lógica do mundo deixando em aberto todo o espaço lógico a realidade, isto é, permite todo o

evento, sendo verdadeira. Contudo ao afirmar a conjunção da proposição “p” e uma contradição, tem-se a uma contradição, “p.c<=>c”.

O valor de verdade da proposição é alterado pela contradição. Em suma, a contradição não admite nenhuma situação possível como afirma Condé: “a contradição exclui todo o espaço lógico e fecha-o a realidade”. Esta é a tarefa da função de valores de verdade, estabelecer a forma de como a linguagem esta estruturada. Juntamente com esta teoria, está a teoria da figuração que tem por foco definir a questão primordial da linguagem.

Complementando com estas teorias está à doutrina do mostrar e do dizer que assume um papel importante dentro do campo da linguagem e do mundo no Tractatus abordando a relação intrínseca que há entre o mundo e a linguagem.

2.4 A doutrina do mostrar e do dizer

A linguagem não se define em dizer que isto ou aquilo acontece, ela mostra. Compreendem se as coisas acerca do simbolismo e do universo ela as espelha, quando simplesmente olhada. Segundo Marques a doutrina do mostrar²² e do dizer pode ser expressa da seguinte maneira: o que pode ser dito na linguagem e que este objeto tem de fato esta propriedade ou que esta de fato nesta relação, com este outro objeto. Todavia nada se pode dizer relativamente às propriedades formais dos objetos ou dos estados de coisas, propriedades e relação formais sem mostram.

A realidade consiste na existência ou não- existência dos estados de coisas possíveis “a totalidade dos estados existentes de coisas é o mundo”. “A totalidade dos estados existentes de coisas também determina que os estados de coisas não existentes”. “A existência e a não-existência de estado de coisas é a realidade”. (Aforismo 2.04, 2.05 e 2.06).

A doutrina do mostrar e do dizer adquire uma importância preponderante para a concepção de linguagem no Tractatus na relação entre a linguagem e o mundo. Se de um lado a teoria da figuração proporcional da linguagem não apenas descreve o mundo exercendo sua tarefa descritiva, por outro lado, ela também facilita a formação de proposições.

22. MARQUES, E. Wittgenstein e Tractatus. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2005. pp.38-43.

Os elementos que pertencem à doutrina do mostrar e do dizer e a diferença entre eles, pois esses elementos associam-se aos problemas da verdade do *Tractatus*. Nos aforismos em 4.12 e 4.121 esta expressão à doutrina do mostrar e do dizer.

A proposição pode representar toda a realidade, mas não aquilo que deve ter em comum com a realidade para poder representar a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica, deveríamos poder-nos instalar, com a proposição, fora da lógica, quer dizer, fora do mundo. A proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição. O que se espelha na linguagem, esta não pode representar. O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe.

Essa doutrina do mostrar e do dizer, pode ser expressa da seguinte maneira o que pode ser dito na linguagem e que este objeto tem, de fato esta propriedade ou que esta, de fato nesta relação com este outro objeto; todavia nada se pode dizer relativamente às propriedades formais dos objetos ou dos estados de coisas; propriedades e relação formais se mostram.

Portanto a estrutura externa do “estado de coisas” descrito pela proposição correspondente a estrutura externa da proposição, sendo este processo do mostrar externo²³. No aspecto ontológico, a teoria da figuração proporcional alega que a similaridade da estrutura interna, da linguagem com a estrutura “interna” da realidade sendo este, o processo do mostrar interno²⁴.

Sendo que neste sistema é possível perceber a estrutura lógica da realidade em outras palavras, a forma da realidade reflete-se na forma lógica da linguagem. Possibilitando a existência de uma similaridade na estrutura externa de uma proposição e o que ela descreve.

O aspecto descritivo da proposição identifica-se o mostrar externo enquanto que o aspecto ontológico da proposição identifica-se com o mostrar interno. Mostrar interno da proposição apenas mostra, não tendo como característica o dizer da forma lógica da proposição embora a forma lógica se identifique com a forma da realidade, o mostrar interno exhibe apenas a estrutura interna da realidade não pode ser dita pela proposição por possuírem a mesma forma lógica, a estrutura interna da linguagem corresponde à estrutura interna da realidade.

23. WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951. *Tractatus Logico-Philosophicus*. (Aforismo 4.022) p.61

24. Condé salienta que o mostrar interno da proposição mostra, mas não diz a forma lógica da proposição e uma vez que a forma lógica se identifica com a forma da realidade, o mostrar interno mostra a estrutura interna da realidade. Wittgenstein- *Linguagem e Mundo*, p.69

Não se pode entender a partir da teoria da figuração proporcional, apenas seu aspecto descritivo na representação da realidade é possível também perceber seu aspecto ontológico no momento em que a estrutura interna da linguagem mostra a estrutura interna da realidade. “O mostrar interno da realidade e da linguagem só é possível mediante a forma lógica que há em comum entre ambas (realidade e linguagem)” CONDÉ, 1998.p.69).

Essas estruturas internas só podem ser mostradas pela proposição e não ditas. O que Wittgenstein chama atenção para o fato de que as proposições que dizem sobre as estruturas internas da realidade e da linguagem, são absurdas, pois essas proposições encontram-se fora dos limites da linguagem.

Toda a semântica se funda nas regras que se associam aos conteúdos da realidade às representações da linguagem. O limite do que se pode ser dito pelas proposições coincidem, assim com os limites do que pode ser figurado ou descrito por meio delas. Dizer é então descrever uma ligação de objetos que será o caso se a proposição for verdadeira e nada, além disso.

Wittgenstein cunha a “teoria do signo lingüístico” nessa teoria a proposição tem sentido, mas não significado. A verdade e a falsidade são determinadas pela comparação com o real e a relação entre linguagem e o mundo (nome e objeto).

A proposição não é um nome, ela é uma concatenação de nomes e diferentemente do nome que possui uma referência ela (proposição) possui sentido. O nome tem significado, mas nenhum sentido, e nenhuma proposição podem dizer alguma coisa dela mesma, tudo o que se mostra é sua forma lógica numa notação adequada.

O que se exprime na linguagem não pode ser expresso por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe, a forma lógica se mostra em toda proposição sem poder ser descrita por uma proposição, ser o objeto de uma proposição.

Todos os eventos que acontecem no mundo à linguagem poderiam expressar devido à forma lógica entre a realidade e o mundo. A compreensão de tudo que acontece no mundo se dá mediante a linguagem, a partir da análise da estrutura lógica da linguagem, que por sua vez seria possível uma interpretação da estrutura lógica do mundo.

Tanto a estrutura da linguagem quanto a estrutura da realidade são deliberadas pela lógica. É a lógica que possibilita esta relação seja através da forma da realidade da afiguração ou da lógica sendo que todas são semelhantes. A união entre a linguagem e o mundo se daria pela lógica através da forma lógica como cita Wittgenstein:

O que toda figuração qualquer que seja sua forma deve ter em comum com a realidade para poder de algum modo- correta ou falsamente a figurá-la é a forma lógica, isto é a forma da realidade. Se a forma de afiguração é a forma lógica, a figuração chama-se figuração lógica. (aforismos 2.18 e 2.181).

No Tractatus o significado consiste em a linguagem denominar os objetos, um nome possui significado se ele corresponder a um objeto, embora boa parte dos nomes não corresponda a um objeto, confundindo portando, o significado do nome com seu portador. Nas Investigações o define melhor o significado é o seu uso, ao invés do objeto referido, embora em alguns casos a referencia possa elucidar.

A linguagem por sua vez trabalha neste sistema de compreensão, interpretação, e representação do mundo obedecendo às leis inseridas pela linguagem lógica. Ultrapassando a condição de conhecimento em função de uma linguagem logicamente perfeita. A linguagem perfeita²⁵ “para evitar esses equívocos, devemos empregar uma notação que os exclua, não empregando o mesmo sinal em símbolos diferentes e não empregando superficialmente da mesma maneira sinais que designem de maneiras diferentes, uma notação, portanto, que obedeça à gramática lógica- à sintaxe lógica”. (Aforismo 3.325). Seria aquela que evitaria os erros e falhas da linguagem comum.

Essa linguagem ideal obedeceria às normas lógicas (gramática lógica), seguindo fielmente a síntese lógica. “uma linguagem desse tipo possui regras de síntese que nos permite evitar os absurdos que eventualmente a linguagem comum possa cometer”. (CONDÈ, 1998, p75.).

Essa linguagem ideal possuiria dimensões de valor universal tendo como suporte a forma lógica que possibilitaria enunciar uma forma geral da proposição contida em cada proposição particular. Sendo a essência da proposição a forma geral. “especificar a essência da proposição significa especificar de toda descrição e, portanto a essência do mundo” (aforismo 5.4711).

O que possibilita a forma geral da proposição é a constante lógica (forma lógica) que toda e qualquer proposição possui. Sendo que essa forma geral procura extrair o que há de essencial em cada proposição particular. Mais que um instrumento epistemológico, a lógica torna-se Tractatus uma categoria ontológica, isto é, ela é o fundamento último da realidade. Enquanto transcendental ela é a condição de possibilidade do mundo.

25. WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951. Tractatus Logico- Philosophicus. (Aforismos: 3.325 e 4.002). 1994. pp.159 e 165.

Acontece que ao realizar o uso da linguagem, ignora-se reconhecer seu funcionamento e isso conduz utilizá-la de maneira imprópria, produzindo diversas confusões conceituais. Wittgenstein expressa sua preocupação com o funcionamento da linguagem.

3-Filosofia, Linguagem e Verdade

Wittgenstein dissolve a Filosofia enquanto teoria e a defende agora enquanto prática. Segundo essa visão, os filósofos que se preocuparam em construir seus sistemas filosóficos, não prestaram atenção no uso que se faz da linguagem e com isso produziram conceitos, expressões, significados, que aparentemente podem ser encarados como verossímeis, mas, com uma análise mais detalhada, percebem-se várias apropriações indevidas.

Dessa forma, cabe ao filósofo analisar e examinar a utilização da linguagem para que os problemas sejam dissolvidos. As muitas concepções filosóficas obscurecem o entendimento acerca da linguagem, e conseqüentemente das coisas do mundo.

Para tanto, deve-se conhecer todos os aspectos da linguagem quando se considera a sua utilização, centralizando a discussão do funcionamento da linguagem. Wittgenstein, ao contrário dos outros, não constrói um modelo de filosofia (teoria filosófica), ele não tenta explicar as coisas. O ponto de partida de sua explicação é a descrição do uso de palavras.

Ao descrever o que se passa com linguagem não se constrói novas teorias, pois não se está em busca de novas informações. Por isso não há descoberta em filosofia, não há uma busca pela verdade, pela essência das coisas.

Tudo que se precisa saber já faz parte do que se faz das palavras, só precisa conhecer e organizar essas informações. Já que a designação de objetos não é a única função das palavras, o significado de uma palavra agora é seu uso, ou seja, sua função na práxis da linguagem. Na análise sobre a linguagem descrita nas Investigações Filosóficas, onde estão redigidos seus pensamentos mais recentes. Wittgenstein empregou a expressão “jogos de linguagem”²⁶ para caracterizar a linguagem, considerando suas diversas faces.

26. Introduzido nas Investigações precisamente no parágrafo 7. WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. 2ªed.Trad.José Carlos Bruni. São Paulo. Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).pp.29 e 30.

Sua intenção era desmistificar o conceito de linguagem enquanto algo uniforme, fixo, previamente estabelecido. A linguagem em funcionamento se caracteriza por uma multiplicidade de práticas. Não sendo entendida como algo completo e autônomo que pode ser investigado sem se levar em conta outros aspectos, pois nela esta entrelaçada os comportamentos e práticas de convívio social e individual.

Os usos que se faz das palavras carregam os conteúdos das vivências, das práticas no trabalho, nos estudos, na relação com as outras pessoas e com nós mesmo. A linguagem está interligada a uma atividade não lingüística, aquelas nas quais se realiza práticas, expressa hábitos, comportamentos, sentimentos.

Ao fazer sérias considerações significativas de análise da linguagem comum, mostrou-se que essas idéias que se tem de totalização, universalidade, uniformidade, essencialidade, fixidez, precisão, no que diz respeito à forma comunicação, ao significado que se dá as palavras, são ilusórias e, portanto, não satisfazem os objetivos que lhe são propostos.

Sua preocupação não é mais com a correspondência entre língua, nem com o mundo. A questão agora se fundamenta nas ‘regras práticas de uso’ dentro dos jogos de linguagem que são constituídos em contextos específicos. Wittgenstein define os jogos de linguagem, em que o conteúdo da linguagem só pode ser entendido dentro desses mesmos jogos, que surgem no interior das formas e que são guiados por regras.

O que era entendido por “definição ostensiva”²⁷ (Tractatus) é agora compreendido por ensino ostensivo²⁸ (Investigações filosóficas)”. A intenção é desmitificar a concepção tractariana de linguagem ideal. Ao que parece a filosofia encontra-se presa por grilhões conceituais, isso acontece por falta de conhecimentos da ‘gramática profunda da linguagem’.

A partir daí a filosofia toma um novo rumo com vista para um horizonte com busca de significados partindo do seu uso e não mais como correspondência. A filosofia objetiva sair do ‘dédalo de conceitos’. Ao estudar a forma lógica das proposições atômicas envolvendo cores²⁹ Wittgenstein percebeu uma fragilidade semântica do Tractatus.

Wittgenstein percebeu que elas eram dependentes umas das outras e que formavam um sistema; outro ponto foi à inadequação da teoria dos números que é apresentada ali, implicava numa reconsideração da natureza da oposição entre necessidade e contingências. Três pilares formam a base de sustentação do Tractatus:

27. SIMÕES, Eduardo. Wittgenstein e o Problema da Verdade/ Eduardo Simões. __Belo Horizonte, MG: Argvmentvm,2008.p.130.

28. Idem, ibidem, pp.131-132.

29. Idem, Ibidem, pp.97-105.

Os de que as proposições são bipolares essencialmente complexas, figuração da realidade e função da verdade de proposições mutuamente independentes que resultam da concatenação imediata de nomes. Quer dizer que as proposições podem ser verdadeiras ou falsas a partir de sua comparação com o real, dito isto, quer dizer o sentido das proposições elementares independentes de sentidos mais elementares como também é independente do sentido de outras proposições.

Ao definir que a proposição elementar seja logicamente independente, que o seu sentido independa de sentidos mais elementares esta seria composta dos sentidos de outras proposições. Aforismo 5.134 “de uma proposição elementar nenhuma outra se pode deduzir”.

E é essa independência lógica de proposição elementar que colocar em questão o estudo de proposições que envolvem nomes de cores. As proposições que tratam dos nomes de cores são independentes umas das outras formam um sistema e que se excluem mutuamente. No aforismo 6.3751.

Que, p.ex., duas cores estejam ao mesmo tempo num lugar do campo visual é impossível e, na verdade, logicamente impossível, pois a estrutura lógica das cores o exclui. Pensemos na maneira como essa contradição se apresenta na física; mais ou menos assim: uma partícula não pode ter, ao mesmo tempo, duas velocidades; isso quer dizer que não pode estar, ao mesmo tempo, em dois lugares; isso quer dizer que partículas que estejam em lugares diferentes a um só tempo não podem ser idênticas. (É claro que o produto lógico de duas proposições elementares não pode ser nem uma tautologia nem uma contradição. O enunciado de que um ponto do campo visual tem ao mesmo tempo duas cores diferentes é uma contradição.

A proposição elementar que figura o fato perde sua independência lógica primordial para ato da figuração. A existência de proposições elementares independente e logicamente necessária para garantir o caráter plenamente determinado do sistema proporcional, a existência de objetos, é logicamente necessária para garantir a autonomia do sentido proposicional relativamente o seu valor de verdade.

Se as proposições elementares são logicamente dependentes, conduz-se que é possível deduzir uma proposição elementar a partir de outra. Encontrar-se a uma fragilidade no aforismo 5.134. Para acrescentar cito Moreno:

Esta conseqüência se aceita, implicaria por sua vez a possibilidade de inferir os próprios estados de coisas que a proposição elementar afigura, seria possível aplicar o cálculo lógico, a priori aos estados de coisas atribuindo assim à relação empírica de causalidade o estatuto de necessidade lógica... (1995, p.203).

Como não pode haver dedução e nem inferência lógica entre proposições elementares também não pode haver contradição entre elas, “é obvio que devemos, na análise das proposições, chegar a proposições elementares, que consistem em nomes em ligação imediata. Levanta-se a questão: como se origina a liga proposicional?” aforismo 4.221.

Nas Investigações Filosóficas Wittgenstein pretende abordar a linguagem a partir de seu modo de funcionamento. A problemática não se refere mais o que é a linguagem e sua essência, mas sim pelos diversos modos de como se utiliza a linguagem.

Adotando uma postura pragmática, e deixando de lado a essencialista, nesse cenário não existe a linguagem, mas sim as linguagens. A questão principal que perpassa a nova abordagem filosófica acerca da linguagem na obra Investigações Filosófica é referente ao uso, ao funcionamento da linguagem. A realidade não é mediada por apenas uma linguagem, mas por várias linguagens, tendo em vista que existem diferentes tipos de linguagens. Desta forma essa realidade exige linguagens condizentes com as suas especificidades.

A forma da proposição será dada em virtude dos graus de qualidade atribuídos aos fenômenos atuais da percepção e existirá um tipo de proposição para cada tipo de fenômeno tudo isso impossibilita a manutenção do antigo projeto de verdade.

- I- Que elas não são elementares
- II- Que nomes de cores não são nomes genuínos do Tractatus
- III- Que os objetos dessas proposições não são objetos lógicos
- IV- Que as formas das cores é um caso particular de forma lógica.
- V- Que não existe uma forma geral da proposição elementar

Wittgenstein substitui a linguagem de base fenomenológica³⁰, por uma linguagem cotidiana fisicalista como sua linguagem operacional e, na verdade, a única linguagem básica viável em Filosofia que desse conta dos dados imediatos. Nas investigações já não mais se pergunta pelo que é a linguagem ou pela sua essência, sua nova preocupação pauta-se pelo modo como a linguagem funciona.

Nas investigações o que se pode perceber é a relação da linguagem e seus diversos jogos e como eles possuem certas semelhanças ou parentescos em comum como membros de uma família e que esses múltiplos jogos constituem-se em formas de vida específicas. A variedade de uso e a pluralidade de funções permitem falar de linguagem.

30. HINTIKKA, Jaakko; HINTIKKA, Merrill, 1994: p.187, 188 e 189.

3.1 Jogos de linguagem, Formas de vida e as semelhanças de família

Essa pluralidade de funções e usos poderia compreender como “jogos de linguagem” com suas semelhanças e particularidades constituindo as forma de vida das pessoas. Wittgenstein chama também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais estão interligadas (I.F. § 7)³¹. O que valerá agora será preocupar-se com o uso que se faz da linguagem em seu contexto espaço temporal e com o entendimento das regras do jogo de linguagem nos quais os signos são utilizados.

Introduzidos nas investigações precisamente no parágrafo 7, determinado como: jogo por meio do qual a criança aprende a língua materna (linguagem primitiva), processo de denominação e repetição de palavras pronunciadas; e também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.

A nova proposta é preocupar-se com a linguagem e com as atividades que se relacionam com ela. Preocupar-se com a linguagem e com o uso sócio-cultural que dela se faz. Abandonando a linguagem enquanto cálculo e adotando a concepção de jogos da linguagem, que são múltiplos e variados, tendo como única semelhança a semelhança de família³². É preciso entender que a noção de parentesco de família não pode ser considerada enquanto essência da linguagem, como a forma lógica era pensada no *Tractatus*.

A semelhança não envolve nenhuma propriedade comum invariável, como a forma lógica.

As semelhanças podem variar de um jogo para o outro, enquanto que a forma lógica tractariana, enquanto essência, deveria necessariamente permanecer a mesma em todos os contextos lingüísticos. São aparentados entre si, mas não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações.

No parágrafo 23, é elencada uma lista de exemplos de jogos de linguagem: ordenar, agir, segundo ordens, descrever um objeto, produzir um objeto de acordo com uma descrição, relatar um fato. Fornece também uma lista de atividades mais complexas do tipo, levantar hipóteses e examiná-la, apresentar os resultados de um experimento por meio de tabela e diagramas, representar teatro e também os procedimentos de discurso de atos.

31. No corpo deste capítulo e nos demais utilizarei as iniciais das Investigações Filosóficas nas citações, IF, seguidas do símbolo e número do parágrafo.

32. WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. § 65 e 66.p.52. Lembrando que o termo semelhanças de família não pode ser considerado enquanto essência, como a forma lógica era colocada no *Tractatus*. Pois semelhança de família não envolve uma propriedade comum invariável.

Percebe-se que as diversas funções da linguagem não ficam mais reduzidas à representação. Outro conceito atribuído ao jogo de linguagem é o da exibição de uma multiplicidade de práticas lingüística e suas características como linguagens utilizadas por várias comunidades.

Os jogos de linguagem representariam também fragmentos ou partes que sua totalidade que constitui a linguagem de um povo. O jogo de linguagem da ciência, da religião, das artes, esses jogos em sua totalidade, constituindo a linguagem. Há uma multiplicidade de jogos de linguagem e esses jogos estão inseridos em formas de vida³³: as palavras têm significado somente na corrente da vida.

Pelo simples fato da existência dessas linguagens é que existe uma variedade de usos, com funções e modos diferentes de utilizá-la. Essa pluralidade Wittgenstein chamará de 'Jogos de Linguagem'. Contudo, da mesma forma que não há uma função única que determine a essência da linguagem, não há também algo que determine a essência dos Jogos de Linguagem, mesmo tendo algumas afinidades em comum. Sendo que essa pluralidade de jogos de linguagem são o que Wittgenstein denominará de formas de vida.

A expressão forma de vida exerce um papel significante no entendimento dos jogos de linguagem, pois, a expressão 'jogo de linguagem', deve salientar aqui, que o falar de uma língua é parte de uma atividade ou de uma 'forma de vida'. (IF § 23). Para Wittgenstein pensar uma linguagem é o mesmo que pensar uma cultura, ou seja, uma forma de vida é uma formação cultural ou social, a totalidade das atividades comunitárias em que estão submersos os jogos de linguagem. Há uma relação intrínseca entre as formas de vida e os jogos de linguagem. São dentro de certa cultura que os jogos estão presentes.

Nesse contexto as relações apresentam características completas onde os jogos de linguagem são regidos por regras. É através de uma forma de vida que a linguagem surgiu a partir dessa, que há entre a realidade e a forma de vida.

A linguagem nada mais é que um resultado das múltiplas particularidades que se encontram inseridas nas formas de vida. A linguagem participa de uma atividade ou de uma forma de vida. Tendo a noção de forma de vida um sentido próprio para Wittgenstein. São nas formas de vida que se fazem participantes da maneira de como a linguagem se apresenta, ou de como ela é decisiva nesse Jogo. As formas de vida e os jogos de linguagem estão conectados por uma ordem cultural.

33. WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. Citada em três parágrafos das Investigações Filosóficas: (§19, 23 e 241). pp.32,33,34,35,36 e 98.

3.2 Vivência e formas de vida

A linguagem é vista como uma atividade humana comum, pois essas atividades que fazem parte da história natural, são culturais, são formas de interagir social. A construção do homem acontece na relação entre linguagem e ação, pois a linguagem é considerada uma espécie de ação. Cito Simões: “Ela se realiza sempre em contextos de ação bem diversos e só pode ser compreendida justamente a partir do horizonte contextual em que está inserida e pelos personagens que se protagonizam nesse contexto. (2008, p.123-124)”.

Os contextos de ações que Wittgenstein define de formas de vida são vivências dos grupos sócio-culturais, tendo a linguagem como elemento constitutivo das formas de vida. A função da linguagem sempre será relativa a uma forma de vida determinada à qual está integrada.

A interação do homem com sua linguagem se dão pela linguagem. Assim afirma Wittgenstein que até em casos como o da concordância sobre o certo e o errado, verdadeiro ou falso, antes de uma questão ética, trata-se de uma questão de linguagem dentro de uma forma de vida. (IF § 241).

Nesse sentido, os antigos conceitos tractarianos de sentido (Sinn) e verdade (wahrheit) mudam de foco. O sentido de uma palavra é conferido pelo uso lingüístico que se faz dela, deixando de lado, qualquer consideração de qualquer corpo de significação com uma existência objetiva independente de uso da linguagem.

As expressões lingüísticas têm sentido porque há hábitos determinados de manejá-las, que são intersubjetivamente válidos e é precisamente o hábito que sanciona sua significação determinada e constitui o jogo de linguagem, que é uma forma específica da atividade humana.

A verdade não será mais identificada numa isomorfia entre linguagem e mundo, e, sim na “compreensão do que as pessoas dizem para poder julgar se estão falando a verdade”, pois que, “verdadeiro ou falso” é o que os homens dizem e os homens estão concordes na linguagem. (IF § 241).

3.3 Verdade nas Investigações Filosóficas

A nova concepção de linguagem adotada por Wittgenstein toma os rumos do pragmatismo. A postura assumida agora em relação à linguagem constitui-se no novo conceito atribuído por ele no tocante ao “uso”. (aspas minhas). Nessa perspectiva a linguagem

é estudada a partir do conceito de uso que está atrelado ao conceito de significação explicando-o através do uso que se faz das palavras e expressões. Esse uso que se faz, toma proporções nas quais é levado em conta o contexto que o uso é proposto com afirmação de Condé: “O uso não é mais simplesmente o uso de palavras nas proposições. (1998, p.89)”.

São situações e contextos que são apresentados aos indivíduos que a significação de uma palavra é dada partindo do seu uso. Conclui Wittgenstein no parágrafo 43 das Investigações. “E a significação de uma palavra é o seu uso”.

Caso uma mesma palavra fosse utilizada em situações diferentes, mesmo que em ambas as situações a mesma expressão fosse exigida em cada contexto essa mesma palavra tomaria significações diferentes, dependendo das relações presentes nessas situações. O conceito de uso abordado nas Investigações Filosóficas trás no seu cerne uma variação de acordo com os contextos que vão sendo construídos.

A significação desempenha um papel para além da dimensão sintático-semântica do que era tratado no corpo do Tractatus. Existe nesse momento uma conexão da significação e seu emprego às situações diversas. O conceito de uso se reveste de uma nova roupagem de cunho pragmático. Wittgenstein aponta pra essa compreensão de linguagem enquanto uso na perspectiva do pragmatismo, para uma pluralidade que se faz dos signos, palavras e frases.

Sendo que esse sistema de pluralidade não é fixo e sim uma variação de suas abordagens. O significado pode sofrer variações dependendo do momento em que a expressão lingüística for utilizada e qual o seu uso. O significado ultrapassa as barreiras do determinismo e da fixidez. O caráter exercido pela palavra em contextos específicos constitui-se numa nova diretriz defendida nas Investigações Filosóficas.

O uso das expressões lingüísticas vai além da descrição da realidade. Há outras funções atribuídas nessa concepção de linguagem em movimento variável. São inúmeras as maneiras de como é possível trabalhar as palavras partindo das particularidades dos contextos diferentes. Diferentes contextos, diferentes significados, sendo utilizada a mesma palavra. São diferentes modos de uso com suas particularidades, afinidades que Wittgenstein denominará de “Jogos de Linguagem. Acrescenta Condé: “as Investigações abandonam a concepção de linguagem como um cálculo para adotarem a concepção de linguagem como um jogo, abrangendo, com isso, o aspecto pragmático presente na linguagem.” (1998, p.91).

Nesses jogos de linguagem não estão presentes apenas as expressões lingüísticas, mas também as ações nas quais essas expressões estão vinculadas. Sendo esses jogos detentores de uma multiplicidade e variedade. Semelhantes em alguns casos como de um parentesco familiar. O conceito de jogos de linguagem ultrapassa a dimensão da esfera lingüística. Está

para além da significação das palavras ou dos signos. Os jogos de linguagem são atividades, ações, experiências com as quais o indivíduo está envolvido e o uso que se faz no momento propício. A noção de cálculo vai cedendo lugar à de jogos de linguagem. Há um número diversificado de jogos de linguagem, por essa diversidade é impossível conceber a linguagem apenas no âmbito da descrição.

A multiplicidade dos elementos que os jogos de linguagem oferecem, ganha proporções dentro das situações que eles se fazem presentes. Os jogos de linguagem constituem, eles próprios numa nova abordagem de compreender a linguagem no seu funcionamento, sendo esses jogos variados e na pluralidade própria e sua significação é resultado do uso de expressões lingüísticas nos diversos contextos.

Os jogos de linguagem consistem não apenas no conjunto de linguagens, mas também das atividades com as quais essas atividades fazem parte das formas de vida. Parece que há uma interação entre a linguagem e as atividades essencialmente em termos gramaticais. Há uma relação simétrica entre a linguagem e o mundo nas Investigações, não há uma equivalência e nem correlação biunívoca entre o conjunto da realidade e o conjunto da linguagem. A linguagem não é mais o espelho do mundo.

O pressuposto agora é de uma ‘gramática enquanto significação’³⁴. Por serem múltiplos, variados e particulares os jogos de linguagem não possuem nenhum modelo a seguir que funcione como padrão. É no jogo de linguagem que a relação entre a linguagem e o mundo acontece, envolvendo ações e usos de palavras, e, por conseguinte, significações no interior de uma forma de vida, não privilegiando conceitos que pretendam a uma universalidade.

O significado enquanto uso, varia de um jogo de linguagem para outro jogo de linguagem. No entanto o uso deve estar de acordo com as regras que estão regendo o jogo de linguagem. O uso não deixa de ser uma atividade precisa para ser um ato aleatório.

Essas regras por sua vez não deixam de possuírem uma complexidade. Há uma dinamicidade nessas regras, por estarem em movimento, participando de espaços distintos. Essas regras formam a “Gramática Wittgensteiana” (aspas minhas), sendo dividida em duas partes: a gramática superficial e a gramática profunda³⁵.

34. SPANIOL, Werner. *Filosofia e Método segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento/ Werner Spaniol.* São Paulo: Loyola, 1989. (Coleção Filosofia; 11).p118.

35. Para melhor aprofundamento desse item, ler o capítulo IV do livro: CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. *Wittgenstein. Linguagem e Mundo/Mauro Lucio Leitão Condé.* São Paulo. Annablume, 1998. pp.109-130.

3.4 A gramática Wittgensteiniana

A superficial refere-se à construção correta da frase. Organizando de forma que não ocorram erros na estrutura das palavras. Já a gramática profunda expõe variados conjuntos de espécies de uso das expressões. Por gramática Wittgenstein entendia não apenas a sintaxe, mas todas as regras que governam o uso das palavras, inclusive seus significados.

É até possível fazer uma correspondência das duas gramáticas presentes nas Investigações Filosóficas e os dois tipos de linguagens abordadas o Tractatus. Seriam elas: a linguagem cotidiana representando um nível e a gramática lógica ou sintaxe lógica representaria outro nível. Só que a gramática profunda não tem como objetivo um alcance lógico. A pretensão não é corrigir a linguagem cotidiana pela gramática profunda. A gramática profunda é a expressão do uso prático num determinado jogo de linguagem.

Não se trata de busca uma linguagem ideal através da gramática profunda como se essa gramática fosse um instrumento de correção da linguagem que outrora foi mencionado. Nas Investigações não existe um modelo a ser seguido, que sirva de padrões na busca de um ideal de linguagem. “Não existem “superconceitos”, pois todos os conceitos têm valores comuns, isto é, adquire valores na medida em que são usados dentro dos jogos de linguagem”. (CONDÈ, 1998,p.100).

A função da gramática profunda é possibilitar a verificação da pluralidade dos usos das palavras e as diversas formações lingüísticas, permitindo analisar os diversos modos do discurso. A gramática é que nos diz o que é lógico e o que tem e o que não tem sentido, revelando o que está dentro ou fora dos limites do sentido.

Só que essa lógica não assume mais o papel de representar o mundo pela linguagem. A lógica se revela na linguagem. Com efeito, a noção de linguagem se equipara a noção de significação (Bedeutung) ao uso, tendo uma multiplicidade de significações.

É no uso que constitui a significação o que outrora era definido como conjunto de regras da sintaxe lógica que regiam as possibilidades de combinação dos nomes, tendo estes que necessariamente representar os objetos.

Enquanto que nas Investigações, a gramática possui uma identidade autônoma, na linguagem existem regras gramaticais que funcionam sem a necessidade de fundamentar-se na adequação “nome-objeto”. Além da dimensão sintática- semântica, a gramática agora envolve a dimensão pragmática regulada por regras que constituem o conjunto de atividades.

A significação de uma expressão não é a existência de um objeto na realidade (Bedeutung-denotação), mas constitui-se no uso de uma expressão.

A significação é produto de regras gramaticais originadas da prática da linguagem (Bedeutung- significação), envolvendo todo o complexo do jogo de linguagem.

A lógica não é algo oculto e condição transcendental de possibilidade de a linguagem representar o mundo. Não existe mais o isomorfismo entre fato e a proposição com a base na adequação entre o objeto que era a essência do mundo, e o nome, seu representante na linguagem. (CONDÉ, 1998, p.114).

A relação Linguagem e mundo nas Investigações se dão pela dissolução dos problemas de linguagens que são entendidos como problemas filosóficos que possuem como ferramenta de solução, a compreensão do modo de como uma linguagem funciona. O surgimento dos problemas filosóficos decorre das expressões lingüísticas que na realidade são distintas.

No Tractatus, a linguagem representava o mundo porque ambos (linguagem e mundo) tinham em comum a ‘forma lógica’. Uma relação entre a linguagem e o mundo possibilitada pela lógica. No entanto a nova concepção de linguagem abordada nas Investigações não tem mais esse tipo de preocupação de fazê-la corresponder à realidade com base na lógica. Isto se deve à nova concepção de gramática abordada nas Investigações.

Há um novo conceito de significação (Bedeutung). Ao traçar um paralelo do termo de significação ao termo de uso, Wittgenstein propõe que a significação não mais se esgota em somente se deparar com os objetos, mas opera também com expressões. Entre os elementos da proposição e o fato, não há uma relação biunívoca presidida pela forma lógica.

Nesse sentido, nas Investigações Filosóficas, não há um elemento ontológico que possibilite a relação isomórfica entre a linguagem e o mundo. Há um distanciamento do Wittgenstein com a estrutura semântica presente no Tractatus, adotando agora nas Investigações uma postura pragmática.

A Lógica aqui não é mais tratada como essência ontológica da linguagem, afirma Wittgenstein: “a lógica nas Investigações deixa de ser a essência metafísica e passa a ser considerada como fruto da gramática enquanto necessidade”. (IF § 371).

Ela não é mais considerada como universal, por existir linguagens distintas em momentos históricos diferentes. A lógica deverá ocupar o seu espaço na gramática da linguagem. Participando da multiplicidade e complexidade dos jogos de linguagem no interior de uma forma e vida sendo a lógica percebida nas Investigações totalmente no plano gramatical.

O fundamento ontológico e a essência metafísica que outrora a lógica era concebida já não é mais pensada nas Investigações Filosóficas. Portanto, não se deve procurar uma espécie de essência ou forma lógica que defina o jogo de linguagem. Não existe uma propriedade comum que o defina.

Os diversos jogos partilham apenas dos parentescos de família e as semelhanças. Nas Investigações Filosóficas, o objetivo não é procurar um elemento comum presente em cada contexto lingüístico. Agora se pergunta pelo modo de como se utiliza as palavras e não mais pelo que é a linguagem.

4. A linguagem e o uso de suas regras.

Vimos que na teoria da Figuração o isomorfismo entre linguagem e mundo encontrava-se atrelado a um caráter casual entre regras e sua aplicação, entre a significação e o uso efetivo da palavra. A palavra, por sua vez, teria atrás de si um corpo de significação, como que um corpo de regras que determinava a significação das expressões.

A nova concepção diz que a regra (ou a significação), de um lado, e o uso (ou os casos de aplicação), de outro, estão em conexão interna, numa conexão essencial que reside na gramática. Cria-se e utilizam-se regras. Essas são consideradas numa perspectiva social e antropológica, não são dadas por Deus, nem subjazem ocultas na ordem natural do mundo, mas são artifícios humanos que tanto produzem as práticas lingüísticas, quanto são por essas práticas produzidas. “compreender um frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica.” (IF § 199).

O agir de acordo com as regras não deve ser tomado por um agir uniforme; suas regras não são fixas, mas variam de acordo com a prática dos jogos que as determinam; esse agir possui as mais diversas formas de expressão, tantos quantos forem os nossos usos possíveis da linguagem. Todos os jogos possuem suas regras, sejam explícitas ou não; mesmo assim possuem suas regras. A gramática está estruturada segundo essas regras que determinam o uso das palavras, regras que são gramaticais e pragmáticas.

Gramaticais porque toda linguagem obedece às regras sintáticas e estão enraizadas de tal modo nas formas de vida que formam um amplo leque de referencia herdado, norteados os falantes no agir diário.

São pragmáticas porque são próprias ações comunicativas dos membros de uma comunidade lingüística que determinam as regras, segundo as práticas cotidianas. Por isso, seguir uma regra é uma prática. E acreditar seguir uma regra não é seguir a regra.

E por isso não se pode seguir a regra ‘privatim’, porque, do contrário, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra. “Eis ‘porque seguir a regra’ é uma práxis. E acreditar seguir a regra não é seguir a regra. E daí não poderemos seguir a regra ‘privadamente’; porque, senão, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra.” (IF § 202).

Segundo Wittgenstein, a evolução natural dos jogos de linguagem acontece concomitante à evolução das regras. Algumas regras são abandonadas junto com os jogos de linguagem e outras surgem, modificando o quadro de referencia. Elas não são construções fixas, variam de acordo com as práticas sociais, em conformidade com o uso e com o desenvolvimento dos jogos de linguagem.

Não existe uma regra que determine o modo de jogar, as regras foram definidas no andamento do jogo. Isso quer dizer que as regras da linguagem são uma sistematização do que se faz habitualmente e podem ser mudadas. No entanto certas regras estão enraizadas de tal modo que já são seguidas ‘cegamente’. Se sigo a regra, não escolho. “Sigo a regra cegamente”. (IF. § 219). Elas estão internalizadas de tal modo que o falante não percebe que está usando.

Precisa-se entender que agir de acordo com uma regra é uma prática da linguagem e que seguir uma regra é análogo a ‘afixar’ uma etiqueta em uma coisa, tal qual fazia o Tactatus quando defendia um mundo cujos elementos eram todos concebidos a priori, bastando à ação do sujeito transcendental para lhes assegurar o sentido. (IF. § 206).

Seguir uma regra é análogo a: seguir uma ordem. Somos treinados para isto e reagimos de um determinado modo. Mas que aconteceria se uma pessoa reagisse desse modo e uma outra de outro modo a uma ordem ao treinamento? Quem tem razão? Imagine que você fosse pesquisador em um país cuja língua lhe fosse inteiramente desconhecida. Em circunstâncias você diria que as pessoas ali dão ordens, compreendem-nas, seguem-nas, se insurgem contra elas, assim por diante? O modo de agir comum a todos os homens é o sistema de referência, por meio do qual interpretamos uma linguagem desconhecida.

Faz se necessário o entendimento de como Wittgenstein concebia o papel da Filosofia. Tal como aconteceu no Tractatus, como também nas Investigações. Wittgenstein apresenta um modelo do que seja uma pergunta que institua um problema filosófico. Na

realidade, trata-se de uma confusão que se exprime sob a forma de uma pergunta, que não reconhece a confusão que está na sua origem.

Entende-se que os problemas filosóficos são mal-entendidos³⁶ e se originam do desconhecimento do funcionamento da gramática. Essa nova maneira de conceber a sua filosofia mostra que as confusões filosóficas provêm da linguagem.

Os problemas que aparecem como profundos são “problemas que nascem de uma má interpretação de formas lingüísticas”, e “estão enraizados tão profundamente em nós quanto às formas de linguagem”. (IF§111). Mas o que seriam os problemas filosóficos? Esses problemas filosóficos de fato existem? Qual a natureza desses problemas?

Quais seriam as possíveis soluções para esses problemas? Se for de ordem lingüística, qual a alternativa apontada por Wittgenstein para essa problemática? Ao que parece esses problemas filosóficos orbitam na esfera dos enganos lingüísticos, das ilusões gramaticais dos mal-entendidos de perguntas que dizem respeito ao filosofar.

É um mergulhar na linguagem de erros. As palavras perdem seu espaço, seu emprego, sua função no cotidiano. A busca desenfreada por respostas às indagações filosóficas às vezes acaba-se direcionando essas buscas para as complicações lingüísticas. Neste cenário a linguagem repousa sobre ilusões gramaticais. Ela perde as suas ferramentas de trabalho.

O mau uso da linguagem favorece o surgimento de “fantasmas que assombram a Filosofia desde a sua origem”. O problema não está na linguagem, e sim na forma de como se usa a linguagem. A raiz dos problemas filosóficos encontra-se no campo da gramática. Descobrir a essência das coisas, ou buscar uma análise de definições indevidas pode ocasionar um engano que ganha proporções em grande escala.

O significado pode agora nesse contexto ser compreendido pelo seu uso, e não apenas por meio de definições. É uma questão que permeia todo o trabalho filosófico.

Cito Wittgenstein: “Quando o filósofo usam uma palavra: saber, ser, objeto, eu, proposição, nome, e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? (IF § 116)”.

Os filósofos examinam a linguagem com fundamento em sua forma, e não em seu uso, enxergam a linguagem como se fosse uma só, como se possuísse uma estrutura cognoscível.

36. HACKER, P.M.S. Wittgenstein. Sobre a natureza humana. Tradução de João Vergílio Gallenari Cuter. São Paulo: Editora Unesp, 2000. pp.12-17.

Algumas ‘teorias’ filosóficas carecem de sentido, pois confundem gramaticais, ou seja, usam um jogo de linguagem fora do contexto. O filósofo isola o nome de seu uso prático.

São três os fatores que mais contribuíram para provocar os problemas filosóficos, são eles: a analogia³⁷ que é um processo de associar formas de expressões em domínios diferentes da linguagem. O fato de assemelhar o desconhecido a algo já conhecido. O segundo fator é a dieta unilateral³⁸ que consiste em alimentar o pensamento apenas com um gênero de exemplos seriam a causa principal. Isto acontece porque não se tem um estudo minucioso da gramática da linguagem.

O terceiro fator é a falta de uma visão panorâmica³⁹, pois o que dificulta a orientação são de um lado, a grande variedade e complexidade do emprego das palavras, e por outra, o fato de, ao falar, não se atentar à estrutura ‘profunda’ da linguagem, porque a atenção deve-se concentrar no conteúdo da fala.

E essa tendência para ‘esquecer’ o emprego das palavras é reforçada quando se filosofar. “Uma fonte principal de nossa incompreensão é que não temos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. Falta caráter panorâmico do uso de nossas palavras. (IF § 122). Na falta de uma ‘visão panorâmica’ da ‘gramática profunda’, somos influenciados pela ‘gramática superficial’, resultando nas confusões e mal-entendidos filosóficos.

Os problemas filosóficos não só determinam os métodos filosóficos, mas também a própria natureza do trabalho filosófico enquanto ele recebe uma função essencialmente terapêutica⁴⁰, de luta contra os problemas filosóficos. Para compreender o método e o conceito de Filosofia de Wittgenstein é preciso entender a natureza dos problemas filosóficos. Acredita-se que na verdade esse problema é uma ilusão, um engano, e é, portanto, necessário uma compreensão correta da situação.

A caracterização dos problemas filosóficos feita por Wittgenstein são de modo geral, confusões, e esse mal-entendido se mostra nas perguntas que se realiza ao tentar filosofar. A inquietação em se tratando da Filosofia diz respeito ao fato de se querer compreender algo que já estar manifesto diante dos olhos.

37. SPANIOL, Werner.1989.pp.95-100 e WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas.§ 90, p.61.

38. Idem, ibidem, pp.101-103 e WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas.§ 593, p150.

39. Idem, ibidem, pp. 104-106 e WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas.§ 122, p.67.

40. WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. 2ªed.Trad.José Carlos Bruni. São Paulo. Abril Cultural, 1979.(Os Pensadores).§133,255 e 256, pp.68-100.

O questionar filosófico surge quando se tem a impressão de não entender sobre o algo. Parece que de algum modo não se consegue compreender aquilo que se mostra. E esta pergunta é resultado de uma expressão de uma falta de clareza, de um incômodo mental e não necessariamente uma pergunta pela causa ou motivo de algo. Portanto os problemas filosóficos são de certo modo confusão total. Como não se percebe esta confusão, tem-se a dificuldade de identificar a problemática.

Na pergunta filosófica externa-se uma dificuldade conceitual relativa ao emprego de certas palavras. Como não se reconhece a peculiaridade da pergunta, age-se como se estivesse diante de uma pergunta de natureza empírica. Cito Spaniol: “O problema consiste no fato de confundirmos a pergunta pelo conceito como uma pergunta pela coisa.” (1989, p.84).

Às vezes se acredita estar perguntando pelo fenômeno, mas na verdade há uma dependência desta palavra que representa esse determinado fenômeno, ao modo como essas perguntas dizem respeito ao emprego de uma palavra, ou um conceito, mas são interpretados como perguntas empíricas a respeito de fenômenos ou dados objetivos.

Com essas perguntas externa-se uma dificuldade de caráter empírico, e ocorre uma influência também de dar uma resposta do mesmo tipo. É óbvio que esta resposta é um mal-entendido referente ao emprego de palavras. As explicações e definições que se dar nestes casos, são respostas a perguntas que, na verdade são expressões de uma confusão.

Conclui-se então, que não se tem problemas filosóficos no sentido usual da palavra. A palavra problema é falsamente empregada, quando se utiliza para designar as confusões filosóficas. O erro de se entender um ‘determinado problema’ reside, portanto no filósofo. Seria o filósofo o portador dessa problemática. Ele veria algo onde não há. O problemático não está na coisa, no objeto, mas no próprio filósofo.

Os filósofos têm, constantemente, perante os olhos o método da ciência natural e têm a tentação irresistível de formular e responder perguntas ao molde da ciência natural. Esta tendência é a verdadeira origem da metafísica, e conduz o filósofo a mais completa obscuridade.

Nesse caso ocorre um desconhecer por parte do filósofo, afastando-o da linguagem, é um afastar da gramática. Ocorre um afastamento do contexto lingüístico. Wittgenstein concebe a idéia de Filosofia partindo dos problemas filosóficos. A partir dessa compreensão é possível entender a função da Filosofia.

4.1 O papel da filosofia

Nesse momento trata-se agora de desfazer esses enganos esses mal-entendidos como coloca Wittgenstein. Esses problemas nascem de uma má interpretação das formas lingüísticas ou de mal-entendidos relativos ao emprego de palavras, são na verdade, resultado da má compreensão da lógica da linguagem. (parágrafo 93 das Investigações e prefácio do Tractatus).

A concepção de lógica se tem agora não é a mesma exposta no Tractatus. Entende-se agora uma lógica atrelada ao emprego ou na gramática das palavras da linguagem ordinária. Portanto, os problemas filosóficos não são oriundos da não-compreensão de uma estrutura lógica da linguagem, mas sim do emprego que se atribui às palavras.

Compete a Filosofia imergir no imo (interior) dos problemas, esclarecendo o uso das expressões lingüísticas que fundam os problemas filosóficos. É uma busca pelas soluções dos mal-entendidos, pelos erros gramaticais. É um trabalho mutuo que a Filosofia e a linguagem desenvolvem, na finalidade de revelar os “erros”. O desconhecido que de certo modo provoca no individuo um distanciamento do real.

Essa relação de aproximação entre a Filosofia e a linguagem deve ser vista apenas como um modelo de esclarecimento do que se tem. Não é papel da Filosofia, completar, criar nada para a linguagem. A pretensão da investigação filosófica não deve querer alcançar nada de novo, já que o algo já esta diante dos acontecimentos.

É necessário se abster de toda especulação referente à linguagem. O objetivo não é definir a sua estrutura (buscar a essência), mas sim verificar como a linguagem funciona como o uso das palavras. Convém compreender o emprego dos sinais lingüísticos e não procurar pelos sinais desconhecidos é uma compreensão que se volta para o que já existe, o que faz parte da esfera do real (contexto, mundo). O que já é comum a todos, habitualmente usado.

Esse é o foco da Filosofia, ‘mostrar a saída do labirinto para Teseu’. É nesse momento que a Filosofia percebe a dimensão que esta inserida, a partir desse perceber é suscitada na Filosofia a vontade de libertasse e de libertar.

Ela deixa de ser uma doutrina, um conjunto de teorias, e passa a ser entendida como uma atividade realizada numa forma de vida. Não se trata de construir idéias, teorias ou formulações acerca do mundo, nem se trata de se preocupar com as possibilidades de conhecer e nem de buscar fundamentos e nem de legitimar experiências do mundo.

Desvendar o verdadeiro, mostrar o uso das palavras, tal como são usadas na vivência, são tarefas em destaque da Filosofia. Esse desvendar de enganos e confusões da linguagem só

é possível suceder, caso a Filosofia desmitifique o uso que se dar as palavras partindo de uma forma de vida. Embora a Filosofia e a linguagem façam parte da mesma dimensão.

A solução dos problemas filosóficos não depende, conseqüentemente, de novas descobertas, ou da invenção de novos conceitos, mas apenas de rememorar à gramática, ou o emprego das palavras. Não convém resolver, mas dissolver á medida que a gramática faz desaparecer.

Na intenção de resolver os problemas filosóficos a Filosofia partir em busca do conhecimento da gramática da linguagem. Sua tarefa é descrever os problemas filosóficos a fim de apresentar aos filósofos. Todo esse processo desenvolvido pela Filosofia prima pela solução desses problemas filosóficos.

Ao que parece a Filosofia procura mostrar a gramática da linguagem que encontra-se fora do campo do conhecimento, pelo desconhecer de suas regras. Cita Wittgenstein. “Os resultados da Filosofia consistem na descoberta de um simples absurdo qualquer e nas contusões que o entendimento recebeu ao correr de encontro às fronteiras da linguagem. Elas, as contusões, nos permitem reconhecer o valor da descoberta. (parágrafo IF § 119).

A gramática participa da vida humana em todas as situações. Ela esta incutida nas ações que os indivíduos praticam. Em suma é necessário um alerta para as possíveis desordens que a falta de conhecimento da linguagem possa conduzir.

Uma vez desfeitos os enganos e as confusões que permeiam os pensamentos filosóficos a linguagem real aparece abrindo-se então a possibilidade de usá-la devidamente.

Como já fora mencionado, os problemas filosóficos possuem uma natureza específica, portanto a Filosofia terá uma função quase terapêutica. Esse trabalho feito pela Filosofia toma como ponto de partida a consciência da gramática das palavras, das regras e do emprego. A atividade filosófica reconhece a importância da consideração. Todo esse processo conduzido pela Filosofia não deixa dúvidas quanto à finalidade terapêutica da Filosofia.

Nesse momento a Filosofia já não possui uma função positiva no tocante a elaboração de uma concepção única do universo, da vida, ou de desenvolver uma teoria da lógica, da linguagem. Sua função agora é negativa. Apenas “resolvem-se problemas, afastam-se as dificuldades”. (IF § 133). Torna-se apenas um diluir dos problemas.

A resolução dos problemas não procede de novas experiências, teorias, hipótese ou formulações, mas emana do que se tem. Nesse percurso não se tem uma super-ordem, um super-conceito. A solução ocorre a partir do momento que se toma consciência do verdadeiro emprego da gramática. A Filosofia como terapia, contrariamente ao que poderia parecer, não é apenas negativa, mas possui também um lado ou uma função positiva.

As regras da linguagem do uso das palavras se conhecem perfeitamente na fala do dia-a-dia, mas ao filosofar esquece-se destas regras e assim cria-se as próprias regras do filosofar. Daí a necessidade de recordar estes fatos, de tomar consciência dos mesmos.

O esquecimento destas regras da gramática das palavras é compreensível, porque tais regras são complexas e variadas. Não se tem uma “visão panorâmica” do uso das palavras. Carece deste aspecto panorâmico a gramática. E aqui como já se foi dito a tarefa da filosofia é possível descrever da seguinte maneira através de uma “representação panorâmica” da gramática das palavras a filosofia deve fazer “ver as conexões” (IF § 122).

4.2 Método Descritivo

O método que predominava na tradição filosófica era a explicação. Wittgenstein substituiu-se este método pela descrição⁴¹ na intenção de não interferir na gramática da linguagem, o método descrito é ideal. É um novo modo de perceber as coisas, de interpretar os problemas filosóficos. Esse método não tem como objetivo cunhar ou conceber algo novo no campo da linguagem.

Tem-se agora a Filosofia como terapia⁴², voltada para as formas lógicas, o a priori. E este a priori está expresso na gramática, é dito pela gramática. De onde provém um caso paradoxal; a investigação do a priori deverá ser posteriori, isto é, deverá realizar-se pelo exame do que é empírico, do que está a vista. Nesse sentido, o método da Filosofia será descritivo.

O verdadeiro a priori se encontra na gramática, nas regras do uso ou do emprego da linguagem. Em se tratando de Filosofia esta não deve ser pensada ao lado das ciências naturais. Se, porém, a lógica o a priori está expressa nas regras na gramática de nossa linguagem ordinária, é preciso ‘inverter’ toda a consideração anterior.

41. WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. 2ªed.Trad.José Carlos Bruni. São Paulo. Abril Cultural, 1979.(Os Pensadores).§109,p.65.

42. SIMÕES, Eduardo. Wittgenstein e o Problema da Verdade/ Eduardo Simões. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm,2008.pp.144-145.

Já não se trata de ir à busca de algo sublime ou oculta, mas, como ‘tudo esta a vista’ é preciso apenas descrevê-lo aquilo que esta a vista, as regras do uso das palavras não é algo extremamente complexo e diversificado, também a solução dos problemas já não será simples e uniforme.

Enquanto descritiva, a Filosofia, deixa de ser científica, no proposto pelo Tractatus. Mas em outro momento ela se aproxima da ciência. Quando descreve o uso das palavras e proposições, a Filosofia carece da pesquisa empírica, um caráter da ciência lingüística. Mas, a Filosofia não se torna científica, porque a descrição enquanto detentora de função terapêutica. Afirmar Wittgenstein:

E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, nos problemas filosóficos. E estes problemas não são empíricos, mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido. A Filosofia é uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem. (IF§ 109).

O que é próprio da Filosofia diante desses fatos é descrever as regras do uso das expressões lingüísticas (palavras). Explicar os fatos lingüísticos não cabe a Filosofia, descrever é a preocupação que ela deve ter sem está atrelado à verdade ou falsidade desses fatos lingüísticos.

A questão se trata do emprego da palavra. Wittgenstein esclarece que, em se tratando na filosofia expressa no parágrafo 133 de que “não há um único método, mas há da filosofia de fato, métodos tal como há diversas terapias. Em outras palavras o método que se é posterior, por que o que se tem já é de conhecimento de todos e a descrição baseia-se na gramática. A finalidade do método descritivo encontra-se a partir de um problema, trata-se de um método terapêutico. E, na medida em que procura apenas observar formas.

Empregar devidamente as palavras (uso) na linguagem é fazer com no jogo de linguagem haja compreensão daquilo que está presente. Não pertence à Filosofia resolver contradições por meio de novas descobertas e teorias.

Existem alguns fatores que atuam na origem dos problemas filosóficos são eles: a analogia, a dieta unilateral e a falta de uma visão panorâmica. Nas Investigações, fala-se de mal-entendidos que concernem ao uso de palavras, provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre formas de expressão em diferentes domínios da linguagem.

Os problemas filosóficos dizem respeito ao uso de palavras, ocorre que certa analogia entre as formas de expressão em diversas áreas da linguagem desencadeia essas confusões. Algumas dessas confusões podem ser eliminadas caso acontecesse à substituição de uma forma de expressão por outra.

Há algumas analogias que provoca uma desordem filosófica, outro problema gerado pela analogia da gramática superficial dá-se com as expressões que parecem indicar algo, apontar para algum referente. É o caso de perguntas como: “O que é a verdade? - O que compõe o sentido? – ou o que é o comprimento?”.

Como se tem o costume de buscar o significado indicando para o objeto adota-se sempre o mesmo procedimento. Tem-se a sensação de que se deve apontar para algo da mesma maneira que se faz habitualmente com as palavras que designa objetos como “livro, caneta, lápis”. Há uma inclinação para buscar um referente.

Em relação à solução dos problemas, pode-se encontrar nas combinações das experiências que se tem que já conhecido de todos e não no acúmulo de novos conhecimentos informações. Por isso “pode-se ia chamar de Filosofia. O que é possível diante de todas as novas descobertas e invenções.

Pelo fato das regras do uso das palavras serem as mais variadas possíveis, e manifestas não é necessário construir nenhuma espécie de teoria, também é preciso procurar justificativas ou fundamentações. O uso das palavras e o que se manifesta nas regras de seu emprego e a filosofia “não pode fundamentá-lo.

Há um reconhecimento de Wittgenstein, ao concordar que não se deve procurar uma explicação lá onde deverias se vir os fatos como “fenômeno primitivo”, não se trata da explicação de um jogo de linguagem por meio das vivências, mas da contratação de um jogo de linguagem.

É como se a Filosofia reunisse um material formado de proposições sem se preocupar com sua verdade ou falsidade. Não se procura mais dizer o que é uma regra, mas somente apresentar usos diversos da palavra. A gramática não se diz como a linguagem deve ser construída para cumprir sua finalidade, para ter tal ou tais efeitos sobre os homens. Ela apenas descreve, mas de nenhum modo explica o uso dos signos, a pergunta agora é simplesmente como deve usada a palavra.

Os problemas filosóficos não podem ser pensados como problemas objetivos, mas são apenas confusões, criadas pela má compreensão da gramática da linguagem. Tais problemas não são solucionados mediante a aquisição de novas informações, mas antes eles são dissolvidos, feitos desaparecer à medida que se eliminam os mal entendidos.

Nesse ponto a função da Filosofia é somente terapêutica. Esses mal-entendidos provêm de uma interpretação errônea do emprego ou da gramática da linguagem. Cito Spaniol: “À medida que a gramática designa as regras do emprego de uma palavra, ou também o complexo das regras que constituem uma linguagem, ela é anterior ao uso concreto das palavras e da linguagem nas situações particulares”. (1989, p.110-110).

Na concepção de Wittgenstein há uma identificação da gramática com a lógica. “A filosofia não se dirige aos fenômenos, mas, as possibilidades dos fenômenos”. (IF § 90). Por mais que o seu objeto seja a priori o seu método, contudo, será a posterior, descritivo.

Esta “explicação” de natureza teórica deve desaparecer e ser substituída pelo que Wittgenstein chama de descrição. E esta descrição por sua vez, recebe “luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos”. A descrição esta direcionada para os dados empíricos da linguagem; fala-se dos fenômenos espaciais e temporais da linguagem e não de fenômenos fora do espaço e do tempo. (IF. § 108).

No entanto a descrição não se interessa por dados empíricos em si, enquanto realidades físicas, mas fala-se deles tal como se fala das figuras do jogo de xadrez indicando suas regras, e não descrevendo suas propriedades físicas. Por isso a questão “o que é realmente uma palavra?” é análoga a que é uma figura de xadrez? E dizer o que é uma figura de xadrez, por exemplo, um peão, equivale a indicar as regras para esta figura, pois somente as regras determinam esta figura: o peão é a soma das regras segundo as quais é movimentado.

Não sendo empíricos os problemas filosóficos, estes poderão ser resolvidos por meios de um exame dos trabalhos de língua, de tal modo que este seja reconhecido: por isto a descrição esta em função dos problemas filosóficos, tem função terapêutica, não sendo problemas científicos, também a descrição não será sistemática. Não se trata de uma exposição completa das regras da linguagem, mas, apenas é necessário abordar os aspectos da linguagem que levaram ou parcialmente levam a determinados enigmas ou erros filosóficos.

4.3 Consideração gramatical⁴²

É possível até perceber um caráter de essência da linguagem, não mais oculta, mas expressa na gramática. Essa atividade busca o sentido das palavras, que é determinado pelas regras gramaticais, pelos usos que se faz das palavras, pela aplicação na prática lingüística do cotidiano. São nas praticas lingüísticas das diferentes grupos sociais que o significado das palavras se afirma, se estabilizam, não sendo arbitrárias, pois há um acordo na interpretação das regras lingüísticas ligas às formas de vida.

Na Filosofia “não se analisa um fenômeno, por exemplo, o pensar, mas um conceito, por exemplo, o do pensar, e, portanto, o emprego da palavra”. (IF§ 383). Contudo, “não se deve perguntar o que são representações ou o que se passa quando alguém se representa algo, mas sim, como é usada a palavra representação”. (IF§ 370).

A tarefa da Filosofia é esclarecer o uso da linguagem, a existente, pois é nela que surgem as dificuldades, os problemas. O termo ‘gramática’ recebe um significado bem mais amplo do que o que lhe é atribuído pelos gramáticos. O conceito de Filosofia está atrelado a uma atividade descrita da gramática com fins terapêuticos.

O termo gramática têm para Wittgenstein um significado bastante amplo e variado. O termo pode significar as regras do emprego de uma palavra, mas pode significar também o complexo das regras que constituem uma linguagem. Pode-se dizer que as regras da gramática são ‘arbitrárias’ se isto se quer dizer que a finalidade da gramática é apenas a da linguagem. Ainda pode significar a explicação que se dá a estas regras.

Por isso, também a Filosofia, como ‘consideração gramatical’ já não deve construir teorias nem formular hipóteses, mas apenas descrever as regras do emprego atual das palavras, a sua gramática. “a consideração deve ser invertida” e toda explicação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição.

Para Wittgenstein torna-se sinônimo de ‘lógica’. “A consideração gramatical se refere às formas lógicas”. (Aforismo, 2.18). Assim, as investigações relativas ao tipo de asserções que se faz “não se dirige aos fenômenos. (IF§ 90).

42. Já não se trata por isso de criar uma linguagem com a mesma estrutura do mundo como conjunto e fatos e que possa representar verdadeira ou falsamente, trata-se de apresentar de um modo mais globalizante possível os diversos usos das palavras e expressões lingüísticas. A esse tipo de investigação gramatical, num sentido particular que aqui adquire a palavra gramática MARQUES, Antonio. O interior- Linguagem e mente em Wittgenstein. Fundação Colouste Gulvenkian.2003.-(Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).p.77-78.

E a ordem das possibilidades é aquela que antes de toda experiência, ou seja, é o a priori lógico. Portanto a Filosofia e lógica são a mesma coisa. Não se precisa criar algo novo como se fosse uma linguagem ideal na gramática, não precisa inventar nada de novo. Isto não é tarefa da Filosofia criar uma linguagem nova, ideal, não se trata de refinar ou completar de modo inaudito o sistema das regras para o emprego de nossas palavras (IF. § 133).

A Filosofia deixa tudo como esta e não precisa inventar linguagem nova ou construir simbolismo, para a linguagem corrente já é a linguagem. Porque a gramática esta a mão no uso cotidiano da linguagem, também nada de oculto nos interessa.

A gramática não tem que se haver com coisas oculta, como algo que se ver fora, se há ainda um interesse pela essência esta já não é oculta, mas algo já evidente e mais preferível compreender o que já esta manifesta diante dos olhos, do que apreender algo de novo. “os aspectos mais importantes das coisas estão ocultas pela sua simplicidade e trivialidade e não se pode notá-los, por tê-los sempre diante dos olhos” (IF §129).

Não se trata de estabelecer nesse momento um conceito de verdade em Wittgeisntein a esfera do que é verdadeiro se configura dentro do cenário da gramática. É possível entender o que seja a verdade partindo do conhecimento que se tem das regras presentes na gramática, tendo em vista a influencia exercida pelo contexto no quais determinados indivíduos fazem parte. A verdade estará associada aquilo que se pode chamar de atividades que exigem um conhecer da gramática. Não se trata da gramática estabelecer o que é verdadeiro, ou o que é verdade como se fosse um ‘código de verdades’, mas, do entendimento das normas que regem determinado grupo seja (social, político, cultural ou até de natureza).

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, a condição de possibilidade da linguagem abordada no *Tractatus* de estabelecer alguma condição de verdade acerca da realidade só pode ser percebida pela forma lógica, elemento comum à realidade e linguagem e uma possibilidade de garantia de representar o mundo pela linguagem. Proposição enquanto unidade mínima de significação, tendo como tarefa primordial, representar o mundo fielmente, tendo a forma lógica enquanto semelhança estrutural entre linguagem e mundo, uma correspondência isomórfica entre linguagem e mundo, uma correlação entre linguagem (proposição) e mundo (estados de coisas).

Linguagem enquanto um cálculo regido por regras que por meio de diagramas formais e arcações de cálculo possibilitam a correlação entre linguagem e mundo. Sendo esta linguagem logicamente ideal e perfeita.

Essa forma lógica pertence ao campo do indizível, e sobre ela nada se pode dizer. Uma proposição fora dos limites da lógica é uma proposição fora do mundo, fora dos domínios de todos. A proposição enquanto essência e estrutura da linguagem e do mundo, só pode ser mostrada, mas não descrita, por ser a condição de possibilidade da linguagem, sendo o limite da linguagem, fora dela é impossível uma articulação lingüística.

O objetivo seria propor uma associação dos conteúdos da realidade às representações da linguagem, ou seja, traçar um paralelo, linguagem e realidade. Para isto ocorra é preciso que o estado de coisas descrito pela proposição deva existir, sendo esta proposição verdadeira, não existindo o estado de coisas mesmo a proposição descrevendo, esta será falsa.

Neste caso a proposição possui sentido, mas não significado. O critério do que é verdadeiro e do que é falso é operado pelo conferir com o que é real. E esta relação projetiva entre nome e objeto é determinada de forma precisa. A proposição nada mais é do que uma concatenação de nomes e não um nome, pois o nome apenas possui significado e não sentido.

Conclui-se a partir daí que dizer alguma coisa dela mesma, a proposição não pode fazer. Ela não diz nada sobre si, tudo que faz é mostrar a forma lógica numa seqüência adequada. Caso acontecesse o fato da proposição dizer alguma coisa sobre ela mesma, terias se, portanto uma linguagem para além da própria linguagem, uma linguagem que ultrapassasse a esfera da lógica, os limites da lógica, conseqüentemente uma linguagem para além dos limites do mundo, portanto nada poderia dizer a respeito do mundo. A realidade se mostra, devido à forma lógica exibida pela proposição.

Já os fatos representados pela proposição apenas possui a forma lógica em comum, responsável pela união da linguagem e mundo. Nas proposições a forma lógica se mostra, mas a forma lógica não pode ser descrita por uma proposição, tornando-se o objeto de uma proposição. Residindo, portanto o caráter de independência da proposição elementar podendo ser verdadeira ou falsa. Portanto a realidade é constituída da não-existência (fato negativo) ou da existência dos estados de coisas (fato positivo).

Determinar em que versa a verdade, significa identificar se a proposição é verdadeira, havendo uma identidade interna e externa entre linguagem e mundo. No Tractatus é desta forma que o conceito de verdade se relaciona com o conceito de linguagem. O projeto filosófico de Wittgenstein é entender a conexão linguagem-mundo, em se tratando da representação biunívoca entre proposição e mundo, se estes estão em equivalentes isomorficamente por uma forma lógica entre os dois domínios. A discussão sobre a verdade trata-se de uma correspondência enquanto congruência.

Nas Investigações Filosóficas a linguagem é compreendida através dos aspectos sócio-histórico e cultural. Sendo interpretada nos seus jogos específicos em sociedades particulares, sendo esses jogos operados por regras e inseridos em formas de vida. Wittgenstein prima nesse momento pelo uso que se atribuí à linguagem e não mais pelo que é a linguagem, buscando estabelecer um critério de conformidade que alcance realmente o uso da linguagem.

Logo esse critério torna-se prático, no sentido pragmático, pois é a partir dos membros de uma comunidade, na qual as atividades lingüísticas se desenvolvem que são determinados os jogos de linguagem e suas regras a serem obedecidas, segundo as práticas cotidianas. O critério de verdade ou falsidade será determinado pelo acordo lingüístico feito dentro de uma forma vida. Os homens decidiram o que é verdadeiro ou falso através do contrato lingüístico. O domínio do significado passa a ser totalmente social e comunitário dependente de regras, se projetando no mundo, fundada em um acordo para que todos pudessem utilizá-la.

Nas investigações o sentido proposicional perde seu espaço na Filosofia de Wittgenstein para a dimensão que os jogos de linguagem podem possibilitar, a verdade pode ser compreendida dentro deste contexto. Essa é a nova abordagem de significação apresentada nas Investigações Filosóficas se processa no interior das formas de vida, das comunidades lingüísticas. Toda construção dos jogos de linguagem são feitos pelas formas de vida, fundamentados em regras e aceito por todos aqueles que participam da comunidade e estão

em concordância no uso efetivo das palavras não sendo uma acedência de opiniões, mas da forma de vida.

O sentido proposicional não será abandonado, sua busca continuará só que agora nos jogos de linguagem, serão os jogos que oferecerão o sentido da linguagem. Não sendo uma única linguagem, mas várias linguagens por se tratarem de vários jogos. São essas peculiares que possibilitam afirmar uma discussão sobre a verdade no campo do pragmatismo nas Investigações.

Diante disto, é possível verificar mais precisamente nas Investigações Filosóficas uma inter-relação da Filosofia, Linguagem e verdade no pensamento de Wittgenstein. Ambos os conceitos se complementam, são participantes do mesmo espaço de conhecimento. Há uma relação intrínseca, essencial inseparável. Na intenção de buscar a verdade, de mostrar o que há por trás do 'manto do esquecimento' a Filosofia caminha pelo véis da linguagem. O entendimento encontra-se ofuscado por ter-se ultrapassado os limites da linguagem.

Referências Bibliográficas

CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. Wittgenstein. **Linguagem e Mundo**/Mauro Lucio Leitão Condé. São Paulo. Annablume, 1998.

FAUTINO, Silvia. **A experiência indizível: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein**/ Silvia Faustino. - São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HACKER, P.M.S. Wittgenstein: **Sobre a Natureza Humana**. Trad. João Virgílio Gallenari Cuter. São Paulo: editora UNESP. 2000. (Coleção grandes Filósofos).

HINTIKKA, Jaakko. **Uma investigação sobre Wittgenstein**/Jaakko Hintikka, Merrill Hintikka: Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papyrus, 1994, (papyrus Filosofia).

MARQUES, Antonio. **O interior- Linguagem e mente em Wittgenstein**. Fundação Colouste Gulvenkian. 2003.-(Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).

MARQUES, Edgar. **Wittgenstein e o Tractatus**/ Edgar Marques. __Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Filosofia passo-a- passo; v.60).

MORENO. Arley.R. **Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos**. Manuscritos: Revista Internacional de Filosofia. Campinas: Unicamp, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, v.XVIII, nº. 1995, p.203.

SIMÕES, Eduardo. **Wittgenstein e o Problema da Verdade**/ Eduardo Simões. __Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2008.

SPANIOL, Werner. **Filosofia e Método segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento**/ Werner Spaniol. __São Paulo: Loyola, 1989. __ (Coleção Filosofia; 11).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. 2ªed. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo. Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, Ludwig, 1889-1951. **Tractatus Logico- Philosophicus**. /Ludwig Wittgenstein. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [Introdução de Bertrand Russell]. 2ª edição revista e ampliada. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.